

CATHERINE DE HUECK DOHERTY

O SILÊNCIO DE DEUS

(MOLCHANIE)

Título original: *Molchanie: The Silence of God*
Catherine de Hueck Doherty
(antes de casar-se: Kolyschkine)
Crossroad Publishing Company, New York, USA
1982

O Silêncio de Deus
Edições Paulinas, São Paulo, SP, Brasil
1984
Tradução: Héber Salvador de Lima, S.J.

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

www.madonnahouse.org
www.catherinedoherty.org
<http://writings.catherinedoherty.org>

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

ÍNDICE

Introdução à edição brasileira	4
Silêncio	12
PERIGOS NO MAR DO SILÊNCIO	13
O MERGULHO NO MAR	27
Silêncio e reparação.....	32
OS MISTÉRIOS DO SILÊNCIO	43
O MISTÉRIO DA IGREJA	56
A MULTICOLORIDA VOCAÇÃO DO SILÊNCIO.....	78
Um peregrino do silêncio e da dor.....	82
O SILÊNCIO DA VELHICE.....	96
O FIM DA LONGA ESPERA.....	108
<i>Pax caritas</i>	117

Introdução à edição brasileira

No seu livro *Poustinia*, best-seller em vários países, traduzido para 12 línguas¹, Catarina de Hueck Doherty alertou o mundo para a importância e a força redentora do silêncio. Hoje, ela volta ao tema, mas numa perspectiva diferente. Lá, era o silêncio do homem para ouvir Deus. Aqui, é o silêncio de Deus falando ao homem. Lá, o silêncio era uma espera do homem. Aqui, o homem mergulha no "infinito mar do silêncio", transpõe montanhas e atravessa chamas.

O silêncio não é algo meramente negativo. Ele é eminentemente positivo e constitui um mundo em si mesmo. De certo modo, ele também não tem princípio nem fim e suas origens remontam ao tempo em que tudo era puro Ser. Como o Ser eterno é incriado, também o silêncio é tremendamente fértil e fecundo. Quando as palavras falham, é o silêncio que exprime os grandes sentimentos de dor, de alegria e de amor. Ele é o teste definitivo dos grandes gênios, dos grandes santos, dos grandes amantes.

O silêncio parece ser a misteriosa réplica de Deus no mundo: ele contém tudo e é dele que tudo nasce, tanto na ordem do sentimento, da idéia, como na linha da ação construtiva do universo. Um fato curioso: apesar de todo seu valor e sua riqueza, o silêncio é o único fenômeno considerado inútil no mundo moderno. Não entra na lista das coisas rentáveis. Não pode ser explorado comercialmente.

¹ *Poustinia* foi traduzido no Brasil sob o título de *Deserto vivo*, nesta mesma editora, pelo tradutor do presente volume.

Ninguém procura um poço ou uma mina de silêncio, como se busca um poço de petróleo ou uma mina de ouro. Todos os fenômenos do mundo já foram usados pelo homem para seu proveito e utilidade: água, fogo, ar, palavra, som... Tudo isto se encontra muito bem industrializado. Até os sentimentos humanos são explorados; até a pobreza, até a própria morte. Quanto demagogo angaria votos usando o tema da pobreza e da miséria. As empresas funerárias sempre foram muito lucrativas... Até a vida eterna já rendeu dinheiro... e não precisamos recuar ao tempo em que se vendiam indulgências!

Apenas o silêncio não é comercializado, apesar da sua tremenda riqueza.

"O mundo e a vida, em sua situação presente, estão profundamente enfermos. Se eu fosse médico e tivesse de receitar, depois de consultado, diria: 'Criai o silêncio!'" (Kierkegaard).

O "silêncio" de Deus, neste livro, não é, obviamente, mera ausência de palavras; é, pelo contrário, a imensa riqueza da palavra eterna, "viva e eficaz, mais afiada do que qualquer espada de dois gumes. Ela penetra até o ponto de separação entre a alma e o espírito, entre as juntas e as medulas. E ela pode julgar os sentimentos e os pensamentos do coração. Não existe criatura alguma invisível diante dela..." (Hb 4,12).

Em Deus, o silêncio é soberanamente fecundo e eloqüente. Em Deus, o silêncio fala sem palavras e a palavra fala em silêncio. O espírito é levado ao silêncio de Deus para aí ouvir a sua Palavra. Talvez

podéssemos parafrasear Oséias 2,14 e dizer: "Levá-lo-ei ao meu silêncio e aí lhe falarei ao coração".

Somente o silêncio dá às palavras a sua dimensão profunda e seu verdadeiro sentido. Sem ele, até a palavra de Deus se torna parte da cacofonia intolerável da vida moderna. Somente no contexto do silêncio é que a palavra divina pode ser ouvida e o Verbo pode encarnar-se em nossas mentes e corações, pela aceitação da fé, do amor e da esperança. O silêncio de Deus é esse eterno processo de encarnação do Verbo nas almas.

O silêncio ensina-nos a esperar por Deus, mas sem deixar de procurá-lo, mesmo que se tenha de atravessar mares, desertos e chamas de incêndios. É como diz São João da Cruz:

*"Buscando mis amores,
ire por estes prados y riberas;
ni cojeré las flores
ni temerá las fieras
y passará los fuertes y fronteras".*

O silêncio de Deus é também um silêncio de paz e de felicidade, o que não exclui o sofrimento, porque todo aquele que decide servir a Deus deve preparar sua alma para a luta (Eclo 2,1).

Os 83 anos de Catarina têm sido marcados por estas duas realidades que caracterizam a vida cristã autêntica: muita paz e muito sofrimento. Quem já leu *Apresento-lhes a baronesa* (nesta editora) sabe de que estamos falando...Nascida na Rússia em 1896 e casada, aos 15 anos, com o barão Boris de Hueck, ela viveu todo o cataclisma da revolução russa e da implantação do comunismo em seu país.

Perdeu tudo. Sua fuga da Rússia tem lances quase cinematográficos, quando lida e lembrada... Mas foi, na realidade, um doloroso calvário de fome, de frio e de humilhações.

Os sofrimentos não terminaram com a chegada à América do Norte, grávida do seu primeiro e único filho. O barão não podia trabalhar por causa de ferimentos de guerra; era, portanto, sobre ela, antes de atingir os 20 anos, que pesava a dura tarefa de sustentar marido e filho. Chamavam-na de "Polaca", palavra depreciativa, injuriosa. Outros preferiam desprezá-la por ser russa e, sendo russa, "devia" ser comunista! Nem os católicos, nem os padres e as freiras lhe pouparam agressões e incompreensões. Sofreu tanto que chegou às bordas do suicídio. Mas, nesta longa peregrinação do silêncio de Deus, a graça ia robustecendo-a e esboçando nela os planos de um grande trabalho entre os pobres e os desamparados.

Daí surgiu Madonna House, hoje uma realidade de apostolado leigo, oficialmente aprovada e abençoada pela Igreja. Nessa obra se congregam homens, mulheres e sacerdotes. Os membros dessa comunidade fazem os votos de pobreza, castidade e obediência e procuram viver o Evangelho numa vida de oração e de trabalho, partilhando o fruto dessa vida com os outros que são acolhidos na comunidade como irmãos.

Em *Deserto vivo*, Catarina fala da importância do silêncio e da solidão para podermos escutar a voz de Deus. Mais: o silêncio é apresentado como a grande busca de Deus, a ponte que nosso espírito lança sobre os abismos do mundo, com suas tentações que

nos impedem ou dificultam a caminhada para o Infinito. Trata-se de um silêncio santo que já é uma oração em si mesmo e que culmina nessa plenitude de oração que é a presença de Deus, consciente e saboreada, dentro de nós. Depois, este silêncio transborda e flui na caridade e no serviço aos outros, na dedicação aos pobres — pobreza material e espiritual, sobretudo esta última.

Tal silêncio não é prerrogativa exclusiva de mosteiros e conventos, porque deserto e solidão não são, necessariamente, lugares materiais: são um estado de espírito e de coração. Esse estado de espírito produz *Sobornost, União na fraternidade*, outro livro de Catarina, também traduzido nesta editora. A partir daí, o espírito se torna *peregrino* (*Strannik*, outro livro da autora, ainda não traduzido no Brasil) em busca da plenitude do amor. Poder-se-ia, talvez, dizer que *O silêncio de Deus* é uma continuação de *O peregrino*.

Catarina gosta de dar títulos russos aos seus livros: *Poustinia, Sobornost, Strannik* e, agora, *Molchanie*... Não é somente por amar a sua terra, que o comunismo a fez abandonar; é, também, pelo fato de toda a sua espiritualidade ter sido haurida nas fontes do cristianismo oriental russo, a começar por seus pais. Em Madonna House, muita coisa lembra a Rússia: a igreja, os ícones, os cantos, os "*poustinias*"... Ao falar de silêncio e peregrinação, a autora está simplesmente relembrando o silêncio dos monges russos e a comovente epopéia dos peregrinos da Rússia cristã.

Pode-se dizer que *Molchanie* (silêncio) representa o estágio final dessa longa peregrinação de Catarina

que, em julho de 1983, completou 87 anos. Se *Poustinia* foi uma jornada para o deserto, se *Strannik* foi uma peregrinação alimentada pela espiritualidade cultivada no deserto, agora *Molchanie* (este livro) é a pura contemplação de Deus. Deus aqui é um silêncio e uma presença, um silêncio cheio de presença. Às vezes ele é mar, às vezes é montanha; outras vezes é fogo...

Com freqüência, em suas palestras e escritos, Catarina fala de Deus como movimento e fogo; neste livro, ele é um mar infinito em que devemos mergulhar; mais adiante, é um cenário de montanhas e, ainda, uma escada de chamas.

O leitor vai deparar com muitas visões da autora. Não se assuste! Ela não é uma visionária, no sentido tradicional e literal da palavra. Nunca teve visões nem êxtases. Suas visões, descritas neste livro, são apenas simbólicas; são a sua maneira de transmitir a nós seu jeito de meditar, sua maneira de unir-se a Deus na oração. Todos os santos cultivaram este modo de orar que se chama contemplação.

A Igreja também aí aparece com seu esplendor e, também, com alguma de suas sombras... Até o fato histórico de uma freira que apostrofou João Paulo II, nos Estados Unidos, de maneira descabida e pouco delicada, tem seu cantinho numa destas páginas. Isso indica que Catarina tem olhos bem abertos sobre o cenário da Igreja atual; nenhuma notícia lhe escapa.

Em síntese, a vida de Catarina e a de todos nós é uma longa peregrinação, uma penosa caminhada à procura de Deus. Santa Teresa, que viveu num

ambiente histórico de castelos e muralhas, imagina o progresso espiritual como a entrada num castelo, indo de quarto em quarto, de sala em sala, subindo escadarias... cada vez mais para dentro.

Catarina tem outras perspectivas: não tendo conhecido castelos e sendo uma grande apaixonada pela natureza, busca Deus numa permanente peregrinação que a leva a praias de "areias prateadas" e a fazem mergulhar no infinito mar do silêncio de Deus. Este mar de silêncio nada mais é que o "fundo" eterno da presença divina, sobre o qual deverá sempre projetar-se toda a nossa vida.

E quem a conduz a este mar infinito e a leva por vales, chapas e montanhas não é outra senão a própria Mãe de Jesus, Maria Santíssima. A devoção mariana é um ponto alto e forte na vida e nos escritos de Catarina.

Não quero deter-me nem perder-me em exegeses... A interpretação do leitor será, por certo, mais saborosa e, quem sabe, mais exata, sob a orientação do Espírito Santo que — não duvide! — está presente em cada linha deste livro. Sim, porque tudo quanto se faz por amor é obra dele. E Catarina escreve sempre com o imenso amor ao seu Deus e a nós, seus irmãos.

Estas linhas introdutórias foram escritas quase ao lado da autora, em julho de 1983, durante minha terceira visita a Madonna House. Encontrei Catarina mais cansada, andando com muita dificuldade e falando quase penosamente; mas, nos seus olhos, a mesma luz, a mesma paz, a mesma alegria, tão próprias das pessoas que encontraram Deus e a si

mesmas, em Deus... Que mergulharam de corpo,
alma, coração e mente no mais profundo deste
maravilhoso silêncio de Deus.

Pe. Héber Salvador de Lima, S.J.
Madonna House, Combermere, julho de 1983

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

Silêncio

*Silêncio, noite escura,
o primeiro lugar
em que o espírito procura
e encontra a morte do seu "eu".*

*Silêncio... onde o barulho
nunca pode habitar,
nem mesmo o ruído das palavras,
porque aí, tão somente,
borbulham pensamentos.*

*Silêncio, noite escura,
onde a alma e a mente habitam
à espera desta luz
que nasce da conversa
com Deus.*

*Silêncio, uma escola
de amor e de morte
onde a alma
encontra a vida.*

*Silêncio...
chave
que abre a imensa fornalha
do coração
de Deus.*

*Silêncio... verbo,
frase, discurso
de amor apaixonado
que se consoma
no abraço de Deus.*

*Silêncio...
mais que união,
é unidade
com o Senhor!*

PERIGOS NO MAR DO SILÊNCIO

O objetivo deste livro é descrever o silêncio de Deus. Em russo, *molchanie* significa "silêncio" e *molchanik* a "pessoa que guarda silêncio". Quando escrevi *Poustinia*, *Sobornost* e *Strannik*¹, tentei descrever uma jornada. Mostrei como é preciso que uma pessoa vá ao "deserto" do coração para deixar que Deus a purifique inteiramente de tudo o que não é Deus. Uma vez purificada, a alma atinge a união com Deus, ou o "*sobornost*". Depois disso, um dia qualquer, Deus nos dá um tapinha no ombro e diz: "Ei!... É tempo de sair numa peregrinação pelos mares do silêncio".

Há pessoas que podem *começar* esta caminhada dentro do silêncio de Deus. A atração divina é tão forte que elas não conseguem resistir. Tais pessoas deixam que Deus entre em seus corações e habite neles. A estas poucas pessoas Deus revela seu silêncio já num estágio inicial. São bem poucos, entretanto, os que fazem esta experiência que equivale a ser alguém ferido por um raio... A maioria das pessoas têm de passar por três estágios na sua caminhada para Deus.

Nesta jornada, devem caminhar em um deserto em que as noites são frias e os dias insuportavelmente quentes; existem aí todos os tipos de estranhos insetos e animais. Imaginação, vocês dirão! Sim? Mas quem pode descrever o que acontece a pessoas que passam longo tempo caminhando por um deserto?

¹ *Poustinia* e *Sobornost* encontram-se traduzidos nesta Editora, por este mesmo tradutor, sob os títulos de *Deserto vivo* e *União na fraternidade*.

Então, na medida em que a peregrinação avança, o Senhor conduz essas pessoas, lentamente, em direção ao mar do silêncio. Como se estivesse numa praia de areias prateadas, ele lhes faz sinal para que mergulhem no seu imenso mar de silêncio. A gente entra nessas ondas e elas nos cobrem... mas ninguém se afoga. Deus não quer que ninguém morra afogado. Com grande fé, você se deixa afundar, suavemente, nesse mar de silêncio.

Trata-se de um mar insólito. Um mar em que a pessoa perde todos os seus temores à medida que se afunda nele: perde o medo da morte e o medo de Deus. E é aí, nesse infinito mar em que o homem mergulhou, que ele descobre o Amor. A praia de areias prateadas e o deserto eram apenas o pórtico de entrada para o mar do silêncio. Os que são convidados devem entrar. Não é ainda o céu, a *parusia*? Não, nada disso! É, sem dúvida, o abraço amoroso de Deus, mas um abraço de provação. Sim, porque, uma vez dentro dessa imensidade do silêncio, você irá encontrar a solidão e a rejeição.

Você já viu, por acaso, a solidão? Ela tem mil faces; jamais nos mostra a mesma cara. É ela que se torna sua companheira no mar do silêncio... o mar infinito da solidão de Deus. Ela jamais o deixará. Poderá desaparecer durante alguns momentos, mas volta sempre. Porque a solidão que o acompanha é a solidão de Cristo.

Será que você pode suportar a solidão de Cristo? Pense na solidão da Anunciação, quando o Espírito Santo pairou sobre Maria e a criança começou a crescer em seu seio... Pense na solidão de Jesus menino e adolescente na carpintaria de São José.

Medite sua partida de casa e suas longas caminhadas pela Palestina... Agora você começa a compreender algo desta sua solidão.

Mais importante, porém, é pensar no seu silêncio diante de Pilatos e na sua tremenda solidão sobre a cruz. Aí, sim, diante dessa cruz, você contempla a própria solidão personificada. Se chegar até o pé desta cruz, na caminhada do seu silêncio, você terá começado a entender a solidão de Cristo. Impossível compreender o mar do silêncio sem a compreensão da solidão de Cristo.

Prepare-se, portanto. Será desta maneira que, através da compreensão da solidão de Cristo, a Santíssima Trindade purificará sua alma. Não se esqueça de que a Trindade habita em seu coração — Pai, Filho e Espírito Santo. É daí, de dentro do seu coração, que estas Três Pessoas benditas emitirão, como num sopro de respiração divina, o poder infinito que é a vida de Deus. Mas, para que isto possa acontecer, o espírito deve estar totalmente puro e preparado para aceitar a solidão.

Quando alcançamos as areias prateadas daquela praia e entramos no grande mar do silêncio de Deus, começamos a perceber que só ele é Deus! Só ele é o grande amante! Só nele existe, em plenitude, a ternura, a paz e o descanso. Ele nos convida e não podemos resistir ao seu chamado. Temos de ficar a sós com ele!

É uma necessidade. Uma fome! Já se disse que a oração é uma fome... Este Cristo da nossa busca caminha na solidão e na rejeição: é assim que devemos caminhar.

Sim, porque também a rejeição foi companheira constante de Jesus, sempre caminhando ao seu lado, desde o momento da sua concepção até a hora da sua ressurreição.

Enquanto viveu na terra, suas palavras foram, freqüentemente, rejeitadas. Alguns de seus discípulos aceitaram sua mensagem, mas os chefes judeus, orientadores da fé do povo, o próprio Sumo Sacerdote... todos rejeitaram seus pronunciamentos. O mesmo fizeram muitas das pessoas que ele amava: perderam a fé que nele tinham, quando o viram pregado na cruz. E perderam também sua esperança. Ah, sim, havia lá umas poucas mulheres e o jovem apóstolo João... Havia uns soldados romanos que *deviam* estar lá! Esta foi, na sua totalidade, a corte do grande Rei! Então, não é mesmo verdade que ele caminhou, toda a sua vida, à sombra da rejeição?

Nunca aceitamos a rejeição com facilidade; lutamos contra ela. De fato, chegamos até a fugir do mar de silêncio com sua praia de areias prateadas e tudo... exatamente porque, no fundo de nosso coração, surge a reação contra a rejeição, que é uma reação de raiva. É uma raiva diabólica porque é fruto de Satã.

A raiva é o oposto da paz. E quem entrou no mar do silêncio, vive norтеado pela paz. Então começa, na arena do espírito, uma nova luta entre a raiva e a paz. É Deus quem o permite e só ele sabe quando terminará este combate. A raiva é algo assim como uma jóia, toda cravejada de brilhantes que, de repente, em nossas mãos, se transforma numa bola de serpentes. São cobras que surgem do fundo de

nós mesmos para morder, ferir, matar. É a raiva.

Cristo aceitou a rejeição e perdoou aos que o rejeitaram. Nós não agimos assim. As serpentes que criamos no fundo da nossa própria natureza não nos deixam perdoar. No mar do silêncio de Deus, que é a água batismal de Jesus Cristo, temos de perdoar a todos, pois só assim conseguiremos vencer as serpentes da raiva e do ódio. Este perdão pode tornar-se uma verdadeira crucifixão, mas pouco importa. Cristo perdoou e rezou por aqueles que o feriram; assim fizeram também os santos e assim deveremos fazer nós.

Se amamos a Deus, deveremos ser capazes de considerar a rejeição como uma grande bênção. Cristo partilhará conosco esta tremenda dor da rejeição e, através dela, ensinar-nos-á a amar nossos inimigos. Tudo isto só aprenderemos no mar do silêncio.

Bem lá no fundo, nas infinitas profundezas em que você mergulhou por amor, este ensinamento irá se processando e você irá absorvendo as lições de amor puro e total, de um amor sem limites; irá compreendendo como se deve amar os inimigos. Aquela velha raiva que, tantas vezes, surgia de dentro de você, pouco a pouco irá se diluindo nas águas profundas desse misterioso mar do silêncio de Deus. E você não saberá mais o que é a raiva, mas a solidão e a rejeição continuarão, como companheiras, ao seu lado. Você estará na solidão, rejeitado como Cristo, com todas as conseqüências trágicas que daí podem surgir. Você poderá ser rejeitado até por seus amigos, sem falar dos seus inimigos, naturalmente!

Quando cheguei à América do Norte pela primeira vez, não tinha amigo algum e tinha muitos inimigos.

As pessoas me rejeitavam porque, para elas, eu era apenas uma "polaca". Deixo à sua imaginação tentar fazer uma idéia do que seja, para um estrangeiro, viver rejeitado no país em que reside. Só com a graça de Deus — e com que graça de Deus!

Ah, meus queridos, a rejeição é um grande dom do Senhor, do seu amor por nós. Ajudem-me a louvá-lo por causa disto! Imaginem o Amigo que se torna Jesus para todos aqueles que são rejeitados como ele! Porque, afinal, qual deve ser o lugar de todos nós que dizemos sentir amor por ele? Claro que só podemos estar a seu lado e partilhar da tremenda rejeição que sofreu, mesmo apesar de ser o Filho de Deus. Pois, então, por este grande dom, que venha a música e dancemos! Depois, crucifiquemo-nos na mesma cruz dele, do outro lado!

Mas, quando aceitamos a rejeição, acontece uma coisa muito simples: Nosso Senhor nos tira do outro lado da sua cruz, trata-nos com carinho e, a seguir, coloca-nos nos braços de sua Mãe, pedindo-lhe que seja a nossa boa samaritana, passando sobre nossas feridas o azeite da sua ternura materna! Então ela nós leva para casa e nos consola. Ora, não são muitas as pessoas que experimentaram ou sabem o que significa receber uma carícia de Cristo e ter, como enfermeira, a própria Mãe dele. Pode-se pedir mais, por acaso?

Portanto, no poustinia, ou "deserto", Deus purifica a alma de tudo o que não seja ele próprio, levando-a, eventualmente, à união com ele, se bem que tal

união só se tornará mesmo perfeita no momento em que a alma chegar a um amor tão apaixonado de Deus que a impulsione a entrar no silêncio desse Deus.

Más não pense que ficam "em silêncio" os que aí entram; muito pelo contrário; porque o silêncio de Deus é um verdadeiro trovão! Você o escuta onde quer que esteja e dele estarão cheios tanto seus dias como suas noites. De fato, você não ouvirá mais outra coisa além do trovão desse silêncio de Deus.

Aqueles que Deus chama para entrar em seu silêncio caem num verdadeiro vórtice que os deixa em pedaços, a ponto de se poder ver, aqui e ali, fragmentos de um ser humano. E, ao contemplar a sua própria fragmentação, você ficará atônito ao ver que não está morto. Não sei como isto pode acontecer; somente Deus o sabe e é também ele que, no meio do seu silêncio, ajunta esses fragmentos do nosso ser... Ao emergir do mar do silêncio, você sai também transformado em trovão, um trovão cujo som vai além das galáxias, como se, de repente, você fosse um pássaro enviado para pregar o Evangelho a todo o mundo.

Há muitos que confundem silêncio com *solidão*, o que é lamentável, porque há uma imensa diferença entre ambos. Solidão significa estar à espera de Deus, estar a sós com Deus, ao passo que o silêncio é este imenso mar no qual você mergulha e fica perenemente tranqüilo, sem, entretanto, nenhuma conotação ou idéia essencial de *estar sozinho*.

Ninguém está sozinho dentro de uma igreja cheia, num supermercado, numa sala de aula, como

professor, num escritório, como dactilógrafa... No entanto, em todas estas circunstâncias, o silêncio interior pode ser total e, nas pequenas coisas que você faz — esfregando o assoalho, lavando verduras, trabalhando no campo ou no escritório — em tudo isto e mais ainda, o seu silêncio pode transformar-se num grandioso trovão que fende os espaços e fala de Deus ao mundo.

Talvez você não perceba ainda, mas a pregação do Evangelho emana do deserto (poustinia), cria uma união com Deus (sobornost) e, só depois, entra no confronto decisivo com o mundo. Você pode até ser martirizado, mas pouco importa, porque, como a fênix da velha lenda, você renascerá das suas próprias cinzas. Você ressurgirá como Cristo, depois de ser crucificado *pelas pessoas*.

Não se assuste! Elas não irão crucificar você com pregos e a golpes de martelo! Vão crucificá-lo com palavras, com ironias: "Olhem só! Ele acredita em Deus! Ele crê que Jesus Cristo é divino!". Isto será pior do que pregos e martelos nas mãos e nos pés; mas você agüentará, porque o silêncio de Deus se transformará num trovão a seu redor. As pessoas não perceberão que este trovão vem do seu coração. Mas é de lá mesmo que ele vem, porque Deus está lá dentro com seu silêncio. Depois de reajustar os fragmentos do seu ser, ele, agora, o enviará a uma peregrinação para pregar o Evangelho com um silêncio mais poderoso do que todas as palavras que jamais foram pronunciadas. Sim, porque este silêncio é feito de elementos desse tipo: mais fortes de quantos se possam conter em todas e quaisquer palavras, com exceção, naturalmente, de uma: o

Verbo. Alguns conseguem o dom do perfeito silêncio exatamente pela aceitação total do Verbo e, nesta aceitação, atingem também o dom completo da palavra, do discurso.

Mas o silêncio tem outras conotações e dimensões que não pertencem ao Verbo. Existe um silêncio que não leva necessariamente à paz e nem nos aproxima de Deus: é um silêncio que pode ser até uma tentação e é muito importante que ele seja conhecido, porque vem do próprio tentador. O demônio tem permissão de nos tentar com um falso silêncio para que possamos descobrir a realidade do verdadeiro silêncio. Vejamos isto com alguns exemplos.

Houve um grande silêncio quando um escravo derramou água sobre as mãos de Pilatos. Mal se ouvia o som da água caindo sobre seus dedos, na bacia. Os judeus e romanos presentes ouviram, com a respiração presa, o som quase imperceptível daquela água. Fez-se silêncio em todos os corações: um silêncio culposo de conivência, um silêncio falso que a todos dominou. Terá havido, com certeza, os que apertaram mais seus mantos contra o corpo e foram-se embora... Porque não conseguiram agüentar aquele horrendo silêncio da injustiça.

Há também o silêncio de uma morte cruel. Lembro-me do dia em que eu e meu marido estávamos morrendo de fome na Finlândia, rodeados de um silêncio mortal¹. Mas,

¹ Referência a um fato de sua vida quando, em 1917, fugindo dos bolchevistas, foram procurar refúgio numa fazenda que tinham, na Finlândia. Lá encontraram a fazenda já nas mãos dos comunistas e foram condenados a morrer de fome dentro da própria casa. Veja-se *Apresento-lhes a baronesa*, Edições Paulinas. (N. do T.).

naquele dia, não era o silêncio de Deus; era o do tentador. Meu marido e eu fomos dormir porque não havia outra coisa a fazer. Água fresca havia em abundância... mas ninguém pode sobreviver por muito tempo só com água. Então, fomos dormir.

Não se deve procurar o silêncio na fuga do sono, a não ser que se esteja realmente doente e, neste caso, o sono funciona como terapia de um vácuo emocional. Fora disso, não convém; acreditem em mim. Quando se sofre — a fome, por exemplo — e se recorre ao sono para esquecer (procurando o silêncio), aí é o silêncio que nos encontra; não o de Deus, mas o do tentador que nos ri na cara, apresentando-nos muitos "pratos" tentadores...

Nós dormimos. Não sei quais foram os sonhos do meu marido, mas, nos meus, apareceram alimentos deliciosos, saladas fresquinhas, belos melões geladinhos, destes que os russos tanto apreciam. Quando acordamos e procuramos ambientar-nos novamente à situação, pareceu-nos ouvir, à distância, uma retumbante gargalhada diabólica. Porque ele tinha acabado conosco — pelo menos assim pensava —, tinha-nos atirado no silêncio total do seu inferno vivo... E Satã ria-se!

Deus, porém, tinha outros planos. Fomos salvos do silêncio infernal!

Se alguém quiser experimentar esse tipo de silêncio, é só ir às favelas do mundo... Olhe para as latas de lixo e veja os pobres — crianças, adultos e velhos — remexendo aquela sujeira e recolhendo o que você e eu jogamos fora. Os pobres realizam esse trabalho em silêncio... num silêncio desesperador, num

pranto calado que só Deus escuta, porque o mundo fechou os ouvidos para esses infelizes. Portanto, se algum dia você não tiver coisa alguma para fazer, saia por estes cantos abjetos das cidades do mundo, pelos depósitos de lixo, e aí encontrará o silêncio do demônio em que predominam dois pensamentos: "Será que vou partilhar minhas coisas com os pobres?" ou "Que o diabo os carregue!". Qual será o efeito de tudo isto em *você*?

O silêncio pode levar-nos a Deus e esta é a razão pela qual o diabo procura atrapalhar... Considere, por exemplo, o silêncio da indiferença...

*Silêncio é um muro
de pedra escura
e em espirais,
como serpente.*

*Sempre parado,
impenetrável,
sempre ele foi
silêncio frio,
longe, distante...
casa sem teto!*

*Jogam-se os homens,
de corpo e alma,
contra este muro
só de negrume,
só de dureza...
E é assim que morrem.*

*Corpos e almas
mortos, quebrados,
jazem por terra*

*junto da pedra,
da pedra fria
deste silêncio.
Serei um deles?*

Existe um silêncio que não diz mesmo palavra: alguma, nem afirmativa nem negativa. Sua natureza, entretanto, é negar o que crê, negar tudo. Quantas pessoas, através dos séculos, entraram neste silêncio! Estes não chegaram a prestar "falso testemunho"... mas simplesmente se fecharam no silêncio da negação. Estiveram diante dos que os interrogavam e não disseram nada. Simplesmente ficaram lá, como testemunhas mudas de uma negação trágica.

Talvez tenham ecoado, aos ouvidos dessas pessoas, as palavras de Cristo: "Quem me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai"... Será que esses "seres calados" entendiam o que estavam fazendo? Quando se olha para o decurso da história, nota-se que houve mesmo, através dela, muitos "silêncios" desse tipo: o mutismo que não refuta, que não nega o erro, que transforma o homem em pedra! Pedro renegou Jesus Cristo três vezes, mas, depois, quando o galo cantou pela terceira vez, saiu para fora do pátio e chorou amargamente. Será que estas pessoas, as do silêncio indiferente, nunca escutam o canto do galo?

Certa vez, na Rússia, encontrei-me com um homem; era um moço de 25 a 30 anos. Os comunistas o haviam interrogado a respeito da sua crença em Deus e ele reagiu como uma pedra, sem dizer a

menor palavrinha, um sim ou um não, que indicasse sua crença ou descrença. É a interrogação continuava. Não ouvi o interrogatório até o final, mas a última frase que escutei foi esta: "Você negaria seu próprio Deus se acreditasse nele?" Também aqui não houve resposta ou, se houve, não a escutei.

Este fato aconteceu no meio de uma rua. O tribunal desta inquisição era constituído por soldados do exército vermelho, todos meio embriagados, e seu interrogatório era mais uma zombaria do que uma inquisição séria. Saí, caminhando por aquela rua abaixo, remoendo, em minha mente, a triste realidade: também no nosso tempo, somos muitos os que apenas fazemos profissão de fé. Nós todos, ali, íamos à igreja, nos confessávamos uma vez por mês, fazíamos a Páscoa e outras "desobrigas". Mas nossas ações contradiziam nossa crença!

Esse tipo de crença fictícia é a razão de existir, hoje, tantos e tantos cultos. A juventude moderna anda errante por este mundo em busca do Absoluto. A maioria não o encontra, porque o procura não no silêncio de Deus, mas sim no silêncio do tentador. E este transforma os homens em pedra, de modo que a graça de Deus não possa penetrá-los.

Quando criança, vivi uns tempos no Egito, onde meus pais me levaram para ver as belas estátuas antigas dos faraós, todas feitas de pedra. Meu pai tinha quase dois metros de altura, mas até ele parecia um pigmeu diante de uma daquelas gigantescas estátuas de Ramsés.

Na noite anterior, não tinha conseguido dormir,

mergulhada no negro calor do Arizona; pareceu-me, então, agora, tantos anos depois, que meu pai segurava minha mão e apontava, não para aquelas estátuas de pedra, mas sim para uma trágica floresta de pessoas petrificadas que, com seu silêncio, negavam suas crenças.

Despertei cheia de medo, quase em pânico, e corri para uma capelinha que tínhamos em casa. Aí, diante do altar, pedi a Deus que essas pessoas abrissem seus corações ao amor de Cristo; depois, voltei a dormir. Mas, ao longo de toda aquela noite, eu sabia que os homens estavam se transformando em floresta de pedra; sabia que eles eram livres para dizer sim ou não a este silêncio mau. Despertei novamente e, mais uma vez, ouvi as palavras de Cristo: "Aqueles que me negarem diante dos homens, eu os negarei diante de meu Pai".

Vamos, portanto! Demo-nos as mãos e corramos para o mar profundo do silêncio de Deus. Ou, então, corramos para o mar diabólico do silêncio de Satã, cheio de rejeição e de solidão, mas só para rir do demônio... Ele pensará que nos afogaremos neste seu mar, mas engana-se, porque Cristo o venceu!

O MERGULHO NO MAR

Antes de mergulhar nesse mar infinito de mistério e de amor, antes de descer às suas profundezas, o espírito tem um momento de pausa e de reflexão. É como se Deus estivesse aí, na praia, fazendo à alma uma pergunta e esperando uma resposta: "E então, qual a sua escolha?" Sim, Deus espera... E não é terrível o fato de que o homem possa manter Deus esperando? Pois ele espera.

A alma repassa, então, pela mente, longas lembranças da sua peregrinação. São lances rápidos que passam diante de seus olhos fechados, enquanto seus ouvidos tudo escutam. De repente, de algum ponto longínquo e profundo do seu passado, do silêncio infinito que é a palavra de Deus, nossa alma se lembra da voz que, um dia, a chamou: "Levanta, minha amada, formosa minha, vem a mim!" (Ct 2,10). A gente se lembra de que, um dia, quase esquecido e perdido, nós nos levantamos e partimos, numa longa peregrinação, até chegarmos às areias prateadas, onde agora se encontra nosso espírito, decidindo qual a resposta a ser dada àquela pergunta: "E então, qual a sua escolha?"

Aí está a alma, face a face com Deus. Ela se lembra de como começou a caminhar, em algum retiro (poustinia), quando viu a face de Deus, se bem que não tão claramente quanto desejava. Deus chamou-a para a longa peregrinação. São poucas as pessoas que decidem partir... Mas nossa alma partiu e, durante o caminho, passou por incríveis durezas e incríveis alegrias, até chegar às areias prateadas, onde as ondas se deitam e morrem lambendo a praia.

Aí, a voz de Deus faz a pergunta: "Você quer aceitar a nova vocação do silêncio?" Não é uma vocação de viver sozinho; é um chamado para entrar no mar da eternidade e pregar o Evangelho, em silêncio profundo, a fim de atrair inumerável multidão de pessoas até Deus.

As areias prateadas são quentes, com o brilho do Sol batendo sobre elas de maneira toda especial. Lá estou eu e outras pessoas a meu redor; não muitas, porém. Ficamos todos a olhar a beleza do mar, refletindo a luz do sol durante o dia, o clarão da lua e o brilho das estrelas durante a noite. Mas, este mar reflete, sobretudo, o infinito de Deus.

Sim, é tempo de dar o mergulho, de nos deixarmos afundar no mar imenso do infinito que é Deus. Não existe outro mar que com este se compare. É o mar do coração. São convidados a entrar neste mar todos os que sentem fome de estar a sós com Deus. Ouça! Escute as ondas batendo na praia... Cada uma destas vagas diz: "Vem, vem, vem!" E nós temos de ir; não porque nos sintamos empurrados ou puxados por algum temor ou por qualquer motivo humano. Nada disso; apenas uma força nos atrai: o amor que não conhece limitações. Mesmo que você se sinta ainda atado, dentro de alguns momentos seu amor se verá livre de quaisquer amarras. Então, abrirá os braços, como o fez Cristo, para abraçar o mundo inteiro, todas as pessoas, todas as raças, até seus inimigos...

Agora não há mais hesitação em nossos corações. Ao levantar os olhos para Deus, percebemos, em seu rosto, aquele sorriso caindo sobre nós. Quando menos esperamos, estaremos entrando nas águas

tépidas desse mar: são as águas do batismo, santificado pela presença de Cristo. Somente agora, santificadas com essa presença, as águas batismais se transformam num imenso mar que tudo abarca, tudo cobre, porque Deus é infinito. E escutamos, então, bem pertinho dos ouvidos da alma, a voz do nosso Deus: "Quem deixar tudo por mim, receberá uma grande recompensa".

Como esse mar nos acena! Olhem... Já estamos nele até os joelhos... agora até a cintura... até o pescoço. Agora, como alguém que mergulha dentro da onda, espontaneamente descemos até o fundo, porque quem ama de verdade ama em profundidade. Com o passar do tempo, seremos uma só coisa com esse mar. E Cristo, em nós, vai abraçar o mundo inteiro.

Tenha paz; fique em profunda paz. É tempo de espera, na mais profunda quietude e silêncio, porque é chegada a hora de ouvir a voz de Deus que vem das profundezas. Escute, pois, com muita atenção, porque, no fundo desse silêncio, ele vai começar a ensinar-nos a maneira de nos transformarmos totalmente nele.

As areias prateadas ficaram para trás, bem como as montanhas que constituíam o fundo deste quadro; agora resta apenas água...Será mesmo água ou a misericórdia e o poder infinitos de Deus? A opção foi feita, deixando tudo para trás. Absolutamente tudo.

Quem mergulha nas águas infinitas de Deus aporta, depois, numa praia onde não há montanha, não há areia, não há sol. É uma terra árida, crispada de pedras agudas, monolitos e elevações que parecem ser parte de uma montanha maior, cujo cimo não se

consegue ver. Teremos de caminhar sobre as pontas dessas pedras? Foi para isso que deixamos para trás as areias prateadas? Para isso que mergulhamos no mar da misericórdia de Deus?... A linha das pedras mal chega a dar idéia de um caminho que vai não se sabe aonde... Entretanto, uma voz nos convida, como um murmúrio vindo de longe: "Vem! Estou à sua espera. Vem!"

E assim, com pedras agudas ou não, com pés descalços ou não, nós, os peregrinos do Absoluto, buscando a Deus com todo o nosso ser, caminhamos por àquela estrada, quase invisível, do silêncio. Não imaginávamos que seria tão difícil nem tão solitária essa estrada. Mas pouco importa. Temos de ir. O silêncio de Deus nos atrai sempre mais para a frente, como a amada atrai o seu amante ou este, aquela.

Não importa que nossos pés se arrastem, marcando, com sangue, cada um dos seus passos. A única coisa que realmente interessa é chegar e entrar no silêncio de Deus. Já encontramos seu silêncio antes, bem como o de Satã, o da indiferença. Chegamos a entender, mesmo que seja muito pouco, a solidão de Cristo e a sua rejeição.

Enquanto assim avançamos por essa estrada de pedra que rasgava sola dos nossos pés, a voz do tentador soa à distância: "Volte! Volte atrás!". Mas não podemos fazê-lo: é preciso seguir avante, ao encontro de Deus. De repente, escutamos outra voz, mais clara e mais poderosa, que a primeira: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim (...), de seu seio jorrarão rios de água viva" (Jo 7,37-38).

Percebemos, então, que nós somos os que têm fome e sede e nos admiramos por havermos chegado tão longe em nosso seguimento de Jesus. Caindo de joelhos, exclamamos: "Senhor, tende compaixão de mim!". E eis que, bem diante de nós, Jesus está de pé, segurando, em uma das mãos, uma taça de vinho e, na outra, um pedaço de pão. Ele estende a taça a mim e aos que estão comigo; depois parte o pão e o distribui até que todos comam quanto queiram. Depois de comer e beber, adormecemos.

Quando acordamos, não existem mais pão e vinho. Mas sentimo-nos refeitos e com energia suficiente para continuar, a caminhada por cima das pedras pontiagudas e por entre os espinheiros que procuram impedir a nossa caminhada. O passo é lento mas firme, pois quem se alimentou do pão e do vinho tem alimento para um dia nas consolações de Jesus Cristo.

Na medida em que avançamos ao longo da trilha pedregosa, um novo mistério nos é revelado: temos de passar aos outros as consolações de Deus. E a principal destas consolações é a Boa Nova de que Deus nos ama. A fé, a esperança e a caridade do nosso coração passam para os corações dos nossos irmãos e eles ficam também consolados.

Agora entendemos porque seguimos Jesus Cristo até as profundezas de um tão grande silêncio: foi para experimentar até que ponto a gente cresce em Jesus Cristo ao ser alimentado por ele; entendemos também porque o nosso silêncio chega a cobrir o mundo inteiro, pois já não é nosso: é o silêncio de Deus.

Silêncio e reparação

*Meu coração
e eu com ele
hoje aprendemos
uma lição:
a do silêncio.*

*Levamos tempo
— e quanto tempo! —
para entender
que este silêncio
é a grande porta
do grande reino
da Senhora Dor.*

*Levamos tempo
para entender
que existem pátios
e escadarias,
torres sem fim,
neste domínio
da Dama Dor.*

*Levamos tempo
para entender
que eu e minh'alma,
enquanto vamos
sempre crescendo,
acabaremos
por entender,
com lentidão
mas firmemente
(porque ainda somos
muito pequenos
e ainda não
bastante sábios
nos trilhos todos
que têm a dor,*

*que têm o amor...),
acabaremos
por aprender
a passar horas
em cada pátio...
a subir firmes
cada degrau
de cada escada.*

*Até que entremos
por estas torres,
por estes quartos,
sem perder um...
E aí fiquemos
em cada um,
até que todos
os aposentos
tenham mostrado
ao coração
e à minha vida
sua lição,
lição de dor,
sua canção,
canção de amor.*

*Depois, então,
talvez, um dia,
(quando será?...)
meu coração,
e eu com ele,
encontraremos
a derradeira,
a última escada
que irá levar-nos
ao êxtase final
daquela morte
que dá princípio
à nova vida*

*que não termina,
pois é delícia
de eterno gozo.*

*Mas isto espera,
porque nós resta
muito a aprender
neste sofrer,
muito a esperar...
Muito a esconder
de toda gente,
na realidade
de que vivemos
em dois domínios:
um que é da terra,
e outro que é
da Senhora Dor.*

*Somos tão lentos,
meu coração
e eu também,
para aprender
qualquer verdade...
Ambos, contudo,
hoje aprendemos
a arte suprema
deste silêncio
dentro da dor.
Nós aprendemos
que a pele lisa
de uma gazela
lhe aperta o corpo!*

*Isto é que aumenta
o sofrimento
cem vezes mais.
Mas, o silêncio
devo mantê-lo.
Nós o tentamos,*

*com duro esforço,
quando, hoje, fomos
crucificados.*

*Hoje sabemos
que a dor nascida
de um grande amor
é como chama
que nos conduz
bem para dentro
do coração
da Senhora Dor.*

*E, lá no fundo,
nos faz cair
no imenso abismo
da paz sem fim
que, novamente,
nos faz voltar
ao coração
da Senhora Dor.*

*Mas o silêncio...
ah, quanta coisa
hoje ensinou-nos!
Nós aprendemos
que deve o amor
seguir, em frente
sem nunca olhar
preço nem custo..
exatamente
o preço e o custo
que nós pagamos
neste silêncio,
nesta alegria,
mesmo submersos
no coração
da Senhora Dor.*

Algum dia, em alguma parte da minha vida, eu me vi sentada num gramado, colhendo margaridinhas. Ia arrancando pétalas e dizendo: "Bem me quer... mal me quer..." De repente, duas pessoas estavam de pé ao meu lado. Sim, lá estavam elas. E pareciam transparentes, de modo que se podia ver através delas; pelo menos era a impressão que eu tinha.

Elas não estavam colhendo margaridas; estavam falando consigo mesmas e também comigo. Eu não estava pensando em nada de "espiritual" naquele momento; estava apenas fazendo um joguinho com Deus. Evidentemente, eu sabia que Deus me amava e me queria bem; mas, afinal, as margaridinhas estavam lindas e, além disso, eu gosto de brincar com Deus desta forma.

Uma daquelas pessoas dizia: "Eu sou a solidão de Deus". E a outra: "Eu sou o silêncio de Deus". A solidão dizia que era uma amiga de Deus mais importante do que o silêncio; este, por sua vez, dizia o contrário e, assim, porfiavam entre si.

Aí, entrei na conversa e disse: "Mas, vocês não sabem que o silêncio de Deus é completamente diferente da solidão? Vocês parecem ter vindo do mesmo lugar onde Deus mora e, entretanto, ignoram isto? O silêncio de Deus é o dom concedido a alguém que caminhou para a orla das areias prateadas do mar do infinito. Atraído por este mar, com todas as forças do seu ser, ele penetrou em suas águas. Este silêncio de Deus nada mais é do que o seguimento perfeito de Cristo.

Este silêncio é dor que ultrapassa toda compreensão. Todos os que nele entram mergulham no

conhecimento de Deus, no seu poder e na sua ação curativa. Não se esqueçam de que, quando ele disse: 'Amai-vos uns aos outros como eu vos amei', fez-nos todos seus herdeiros e filhos do eterno Pai. Ao mesmo tempo, deu seu conhecimento aos poucos que entraram no seu silêncio, concedendo-lhes, também, o poder de curar e de atrair outras pessoas para ele. E não se esqueçam ainda, vocês dois, de que todos estes poderes e dons estão seguros por um fio muito fino que é a fé; o mesmo fio em que se apoia o silêncio de Deus.

A solidão, geralmente, caminha com o silêncio, mas este nem sempre precisa da solidão, porque já a leva consigo. Aquele que entra nas profundezas do silêncio de Deus, deixa a solidão lá fora, ao lado da porta, porque a solidão é apenas um caminho para o silêncio. Ela pode levar as pessoas até as areias prateadas, mas não as mergulha, necessariamente, no mar infinito do silêncio, feito de dor e de alegria, de crucifixão e de ressurreição.

A solidão prepara-nos para o silêncio, fazendo-nos chegar até as areias prateadas para, em seguida, entrarmos nas águas do mar. Feito isto, ela volta, novamente, às estradas pedregosas do campo e das cidades, chamando, murmurando e proclamando a grandeza de Deus a quem queira ouvi-la.

É assim que, lentamente, ela ajunta um novo grupo a ser conduzido às areias prateadas. Há, também, os que ela conduz aos mercados e praças para servir aos pobres, doentes e solitários, exatamente como fez Nosso Senhor conosco. A solidão consola; penetra no lar, levando paz quando nele existe desunião. É grandioso este seu trabalho, sempre

levando pequenos grupos às areias prateadas do mar imenso".

Estas foram as coisas que eu disse ao silêncio e à solidão que discutiam diante de mim. Depois disto, eles sumiram.

A entrada no silêncio de Deus não é uma questão de pensamento, é ação. Das areias prateadas passa-se às águas, num mergulho decisivo que leva ao infinito sem fundo... Porque, em suas profundezas, vai-se caindo a vida inteira.

É curioso que este mar também se pode transformar numa montanha, pois para Deus tudo é possível. Quando isto acontece, em vez de estar nadando, você se encontra subindo, lenta e penosamente, buscando o cume desta montanha, mesmo sem poder distingui-lo. Não é um cimo coberto de neve, mas todo envolto numa névoa misteriosa e bela, que se pode ver nas manhãs de outono. Está recoberto por um nevoeiro. Assim é que este cume se nos apresenta. E nós somente o atingiremos após a morte.

Mar ou montanha, o silêncio de Deus nos atrai e temos de ir ao seu encontro, porque o incrível nos foi revelado: o tremendo amor de Deus por nós e por toda a humanidade. Não há quem resista a tal amor; é por isto que você avança, avança sempre, quer nas águas do mar, quer subindo a montanha, sempre atraído pelo potente imã do amor que nunca solta a quem prendeu.

Quanto mais você sobe na montanha ou se afunda nesse mar, mais claramente você percebe os desejos, os sonhos e as aspirações de toda a

humanidade. Tudo aparece, diante de seus olhos, como em um mapa, com suas planícies e cordilheiras.

Desde o princípio da humanidade, os homens e as mulheres têm desobedecido a Deus. De qualquer forma que você tente visualizar a história de Adão e Eva, uma coisa é certa: em alguma parte da história humana, bem no fundo do coração da humanidade, existiu a desobediência a Deus e essa vontade incompreensível de matar, que começou com o assassinato de Abel pelas mãos de Caim. Que esta verdade penetre até o fundo de nossos corações: os homens vêm-se matando uns aos outros desde os primórdios da sua história. E é também o que continuam fazendo, agora mesmo, em todas as partes do mundo; é só abirmos os olhos ao nosso redor! E há coisas piores ainda... A morte, afinal, é boa para quem parte; mas muito mais tremendas são as torturas. E os homens de agora estão-se torturando uns aos outros.

Por sobre toda essa dor, levanta-se uma cruz de madeira que sobe das profundezas do silêncio de Deus e atinge o céu. Imagine o que significa ficar pendente dessa cruz mal aparada, cheia de lascas, com moscas passeando sobre as feridas e a coroa de espinhos impedindo o descanso da cabeça!...

Sim, Deus está sangrando! E não se trata de um lance puramente imaginativo e quase selvagem, porque, na verdade, em cada pessoa que morre pela mão de seu irmão, em cada homem torturado por outro homem, é Jesus Cristo quem está sangrando. Jesus está numa agonia eterna. Não há trégua para ele enquanto guerras sobre guerras se sucedem. As

profundezas do silêncio de Deus abrem meus olhos do coração para perceber tudo isto como numa grande visão.

Diante de mim está a imensa cruz de Cristo, com raízes na terra e o vértice nas alturas; uma cruz em permanente agonia. Depois, desviando meu olhar, por um momento, diviso um trono, no cimo da montanha e, neste trono, aquele mesmo que, sentado à beira do poço, conversou com a mulher samaritana. Então eu choro, porque sua dor tem sido a minha dor por muito tempo e, lá do trono, ouço sua resposta: "Catarina, você experimentará a minha dor até o fim, até o dia em que nos encontrarmos, quando, sentada a meus pés, haverá de sentir somente alegria, a minha alegria, para sempre".

A esperança é um dom de Deus. Ela surge quando tudo parece perdido e o desespero parece reinar. O panorama que circunda o silêncio de Deus é soturno: estamos de pé, no meio de rochedos íngremes que não podem ser escalados só com o puro esforço humano.

Cá de baixo, tudo o que posso fazer é olhar para essas rochas altíssimas que parecem tocar o céu. Há muito espaço, evidentemente, entre esses cumes e o céu, mas estamos tão imersos no silêncio de Deus que céu e rocha, aparentemente, se tocam. Escalar essas pedras tão íngremes está fora de cogitação para uma mente humana.

Entretanto, a mente humana, que já esteve nas areias prateadas e deixou-se submergir no abismo do mar infinito, não é mais puramente humana e,

por isso, tem esperança. A esperança deve surgir de alguma parte e surge, realmente, de Deus, como sempre acontece. Os rochedos são altos e escorregadios e, enquanto você pensa em escalá-los, o silêncio de Deus paira sobre você... Mas os rochedos parecem ficar cada vez mais altos.

Este é o momento da confiança. Será que Deus pode fornecer-nos uma escada para esta subida? A oração não parece possível e o tentador multiplica seus assaltos, por todos os lados. Somente a fé nos segura, por um pequeno gancho e um fio muito tênue.... Mas você tem de fazer o impossível: pegue aquele gancho e aquele fio finíssimo e prenda-os à cintura, em alguma parte de suas roupas rudes... Um poder novo começa a surgir dentro de você... E Cristo sorri.

Já ouviu a risada de Cristo? Ele costumava bater as mãos e dançar, como fazem todas as crianças judias. Não sei se dançou depois de adulto, mas terá dançado em sua adolescência. No meio do imenso silêncio, você pode ouvir a batida de suas mãos e a risada de Deus. Veloz como um relâmpago, você sente, então, um possante puxão no fino fio que o sustenta e, ao mesmo tempo, surge um borbulhar de esperança dentro de você ao perceber que está sendo levantado e vai subindo de volta ao grande mundo do sol, da lua, das belas árvores e das flores. E Cristo ri de puro prazer, exatamente por perceber a alegria que você sente ao ser elevado.

É este o processo... Mas, infelizmente, as pessoas não acreditam no poder de Deus. Preferem pular de pontes e viadutos ou escolhem uma superdose de entorpecentes. Sei disso porque a tentação já passou

pela minha própria cabeça. Já falei sobre tais tentações no meu livro *Fragments of my life*¹. A água pode parecer convidativa, contemplada lá de cima da ponte do Brooklin...

Houve muitas ocasiões em que me vi ao pé de rochedos íngremes, inacessíveis, sem perceber o arame e o gancho que podia amarrar à minha cintura... Entretanto, estava tudo lá, bem ao meu alcance... o tempo todo!

Mas, no silêncio de Deus, mesmo quando você não pode rezar com os lábios, por causa do frio que não lhe permite pronunciar as palavras, o coração pode encarregar-se da oração e da pronúncia. E a melhor oração é sempre esta: "*Tende compaixão de mim, Senhor, porque estou me perdendo; estou perecendo porque não creio em vós suficientemente. A minha fé é muito fraca. Robustecei-a!*"

Se você passou por esta experiência uma vez na vida, nada mais no mundo deixará que ela volte a repetir-se. Acabou-se. O próprio martírio não seria algo semelhante.

Desta maneira, pois, suspenso nesse gancho e pendendo desse fio, você emerge novamente para o ar puro e, de repente, se vê deitado num jardim cheio de paz. Logo a seguir, como parte do silêncio de Deus, um vento passa e sussurra: "Isto foi um dos testes! Deus testou você e o encontrou à altura da prova!"

¹ Essa tentação de Catarina está descrita também no livro *Apresento-lhes a baronesa* (capítulo V) da autoria do tradutor destas páginas, publicado por Edições Paulinas. (N. do T.).

OS MISTÉRIOS DO SILÊNCIO

A estrada ficou mais íngreme e as pedras mais agudas. Havia nuvens pairando baixas sobre a estrada, a ponto de você mal poder percebê-la. Uma tempestade se armava. Eu avançava lentamente, como alguém que leva um grande peso ou fardo; se bem que, na verdade, a única coisa que tinha comigo era um bordão de pastor em que me apoiava ao caminhar. Apesar disso, a sensação de peso estava em meus ombros.

Encontrei um grupo de pessoas que gritava e gesticulava histericamente. Dois ou três homens arrastavam uma mulher seminua para um lugar onde Cristo estava de pé. Eu, mergulhada profundamente no meu silêncio, não quis me envolver naquilo, como se este meu silêncio fosse uma proteção contra a tempestade que se formava.

A mulher estava chorando. Tentei dar uma volta no caminho para evitar aquela cena, mas sempre parecia haver alguém à minha frente impedindo-me. Então parei. A mulher estava sendo acusada de adultério, um pecado que, na lei judaica, era punido pela morte a pedradas. As pessoas continuavam gritando, tanto contra a mulher como para o próprio Cristo.

Jesus fez um gesto desusado: inclinou-se e começou a escrever sobre a areia do chão, sem dizer uma palavra sequer. Eu também guardei silêncio total. Ele continuou escrevendo até que, finalmente, rompeu o silêncio e disse: "Aquele, dentre vocês, que estiver sem pecado, atire a primeira pedra". Depois, voltou a escrever no chão.

Aí, então, a qualidade do silêncio mudou. Ali, ajoelhada sobre as arestas das pedras, no meio dos riscos e explosões dos relâmpagos e trovões, ali eu fiquei conhecendo *a misericórdia de Deus* através de uma ciência que ninguém poderia jamais tirar de mim. Os homens foram se afastando um por um, deixando a mulher que, agora, estava sozinha, de pé. De novo Jesus falou: "Ninguém te condenou?" E ela: "Ninguém, Senhor". "Pois nem eu te condeno. Vá em paz e não tornes a pecar!"

Ela se foi e eu fiquei. Cristo parou de escrever sobre a areia, sentou-se sobre uma grande pedra e olhou para mim que, também, olhava para ele. Eu lhe disse: "Senhor, acabo de presenciar a imensa misericórdia de Deus... Será que vou morrer por tê-la visto?". Eu falei assim porque estava certa de que ninguém podia ver manifestação tão portentosa da misericórdia, cuja luz era forte como a de um relâmpago, e continuar vivendo depois.

Nosso Senhor sacudiu a cabeça e sorriu, dizendo: "Não, Catarina; não é esta a razão pela qual você está aqui: você aqui veio para ser uma testemunha silenciosa desta misericórdia. Agora que você a presenciou; agora que você a teve, gravada a fogo, por assim dizer, em sua alma; agora que sabe bem o que é misericórdia, *vá e seja misericordiosa*".

A esta altura, desapareceram as pedras pontiagudas. Desapareceu também a pequena estrada e, em seu lugar, havia, agora, um belo jardim cheio de oliveiras floridas. Havia um bando de pessoas que passavam marchando, brandindo armas, sem que ninguém lhe opusesse resistência. O bando vinha subindo uma pequena encosta e, chegando lá, abriu a porta do

jardim e entrou.

O jardim era propriedade de alguém... O bando parou e, do seu meio, saiu um homem que não estava armado. Caminhou até Jesus, que estava de pé, a certa distância. Esse homem chegou perto de Jesus, passou-lhe o braço pelo ombro, gentilmente, e beijou-o em ambas as faces. Naquele momento, parece que a terra toda parou. Não se percebia nem o mínimo sopro de uma brisa, por mais leve que fosse. O silêncio da natureza penetrou em meu coração como o silêncio de um enterro.

O bando armado parece tê-lo percebido também, porque começou a olhar de um lado para o outro, como que procurando localizar de onde viera aquele silêncio que envolvera tudo.

Senti-me fraca demais para manter-me de pé e, por isto, encostei-me a uma árvore... Eu estava presenciando a cena em que o homem traía o seu próprio Deus. Não era a traição de uma nação por outra nação. Não era uma família sendo atraída por outra. Não! Era o homem traíndo o seu Deus!

Para espanto meu, nada aconteceu. Não estava suficientemente perto para dizer se Jesus retribuiu o beijo... Percebi apenas que Judas disse: "É este o homem".

Depois disto, houve pedaços de frases que passavam por mim, soando-me aos ouvidos, mas sem tocar no meu silêncio, no silêncio imenso em que eu tinha mergulhado... Ninguém falava; tudo parecia um vácuo descomunal e eu flutuava no meio. Mas, neste vácuo, ribombava o estrondo de um pensamento que cobria tudo com ressonâncias de morte: Deus tinha

sido traído pelo homem. Por um homem que sabia quem era Deus, porque convivera com ele por três anos, durante sua vida pública. Deus tinha sido atraído por um homem que era seu amigo do peito. Era este o único pensamento que penetrava o vácuo do meu silêncio.

A turba passava perto de mim como se eu não estivesse lá. E continuei caminhando. Nos momentos em que Pilatos, Herodes e o Sumo Sacerdote falavam com Cristo, parecia-me estar escondida em algum canto, ouvindo... Mas não conseguia perceber coisa alguma: nada penetrava o vácuo do silêncio em que eu vivia. Era um vazio que doía dentro de mim e me causava dor também por fora. As palavras *Deus traído pelo homem, Deus traído pelo homem* eram, cada uma delas, pontas de espinho, uma coroa de espinhos dilacerando-me a cabeça.

Nem sei como cheguei ao Calvário. Lá fiquei, diante da cruz, olhando para Cristo crucificado, Deus crucificado. Sua cabeça pendia para a frente e a coroa de espinhos, um pouco torta, enfiada à força, de qualquer jeito, causava-lhe muita dor. Eu não ousava levantar meu olhar com muita frequência. Finalmente, comecei a sentir que aquele vácuo tão estranho começou a cair de cima de mim, como uma veste enorme, e me fui libertando daquele abraço tremendamente envolvente.

Foi aí que olhei demoradamente para Cristo. Tive a impressão de ter ficado mais alta, porque, quando ele ergueu a cabeça para fitar-me, nossos olhos estavam no mesmo nível. No momento exato em que eu ia dizer alguma coisa, sua voz foi mais rápida e falou primeiro, num tom forte, apesar de vir de um

homem crucificado:

"Catarina, ontem você presenciou a misericórdia de Deus. Você viu a nossa misericórdia e pensou que era tudo, a misericórdia total. Não, filha! A misericórdia de Deus é infinita. Ouça, agora, a minha prece ao Pai: 'Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que estão fazendo'". Ao dizer isto, ele voltou a fitar-me e, por um momento, eu julguei ver um sorriso em sua face.

Depois continuou: "Catarina, você acaba de ver a imensidade e o infinito da misericórdia de Deus. Agora, vá e seja bondosa, misericordiosa para com todas as pessoas, sobretudo para com *seus inimigos*".

O silêncio desapareceu por alguns momentos, mas voltou, logo depois, envolvendo-me como a velha capa de um mendigo. Olhei para mim mesma e reparei como estava vestida pobremente, do jeito como costumam vestir-se os peregrinos russos. Minha saia, muito longa, ia pegando, ao longo do caminho, todo tipo de cisco e gravetos espinhentos. Era uma veste que chegava a ser uma vergonha de tão pobre e tão própria de mendigos. Não tinha agulha para costurar os rasgos ou fazer os remendos... Por isso, eu simplesmente arrastava pelo chão aquela miséria toda!

Levava sobre os ombros uma mantilha preta, por causa do frio. (Às vezes, o silêncio é frio...) Esta mantilha estava presa sob meu queixo por um grande espinho. Sob a mantilha, vinha uma blusa colorida que eu tinha apanhado não sei onde, depois que alguém a jogara fora: lavei-a e deixei-a bem

limpinha.

Caminhava, lentamente, numa estrada que conduzia a uma grande cidade. Estreita, no princípio, essa estrada logo se alargou e, daí a pouco, ramificou-se em inúmeras ruas e avenidas. Aí ninguém prestava atenção a mim, esta anciã de mantilha preta, manto rasgado, sandálias gastas, arrastando-se pela rua... E eu comecei a sentir cansaço.

Várias ruas desembocavam numa espécie de praça, cheia de bancos, desses que se encontram em parques. Sentei-me em um deles e, logo, me senti mergulhada no silêncio de Deus, mal conseguindo escutar os ruídos do tráfego ao meu lado: o silêncio de Deus me absorvia completamente, como gota d'água sugada pela areia.

De repente, vindo de parte alguma, surge um mendigo à minha frente, vestindo calças muito velhas e poídas, com as barras esfiapadas. Tinha cabelos longos e brilhantes, apesar de não haver sol naquele momento. Usava uma túnica de lã.

Olhei para aquele homem e ele também me fixou... E foi só isso, a princípio. Mas ele era um mendigo mais corajoso do que eu: cada vez que alguém passava perto, naquela grande praça, ele estendia a mão e pedia uma esmola. Esse gesto fez-me lembrar dos dias da grande depressão, quando tanta gente saía pedindo ao menos um centavo para uma xícara de café.

O mendigo não dizia nada: simplesmente estendia a mão e, cada vez que recebia uma esmola, colocava a moedinha numa pequena pilha, em cima do banco e, depois, ficava olhando para ela. Em certo momento,

enquanto fazia isto, grandes lágrimas surgiram de seus olhos e caíram em cima das moedinhas. Eram lágrimas de homem: grandes e pesadas. E foi aí que aconteceu algo estranho: na medida em que as lágrimas caíam sobre as moedas, estas iam-se tornando fantasticamente belas. Mas eu, de novo, me vi perdida no silêncio de Deus. Era como se eu existisse e, ao mesmo tempo, não existisse. Era como se o universo inteiro, de repente, se tivesse tornado todo meu... mas durasse somente alguns segundos.

De novo me dei conta do mendigo, diante de mim, olhando-me fixamente, bem dentro dos meus olhos. Eu já havia lido muita coisa a respeito da transfiguração de Jesus no Monte Tabor; pois bem, o que aconteceu, naquele dia, naquela praça e naquele banco, foi algo parecido com a transfiguração. O mendigo transformou-se, começando a brilhar com uma luz que eu não conseguia suportar, o mesmo acontecendo com as suas moedas que também se transfiguraram. Como já acontecera em outras ocasiões, uma voz chegou aos meus ouvidos, trazida não sei por que ventos. Dizia:

"Catarina, esse dinheiro que você aí vê é abençoado, quer tenha vindo da abundância, quer da penúria, como o óbulo da viúva no Templo de Jerusalém. Abençoados também são todos aqueles que o ofertaram; mas as pessoas que passaram e nem me viram, como não viram também você, não chegarão a conhecer meu Pai, a não ser que se arrependam. Entenda, agora, um outro mistério da Trindade. Estou lhe ensinando como alguém que ensina às crianças, na escola primária. Meus mistérios não se

encontram nos livros de teologia! Meus mistérios se encontram no amor que as pessoas me dedicam: o maior mistério é o amor dos homens para comigo. Os que me amam, especialmente os que me acompanharam até as areias prateadas e, depois, mergulharam no mar da minha eternidade, do meu infinito, estes são os que aprendem os mistérios da Trindade.

É tempo de você também conhecê-los, sobretudo já tendo visto alguma coisa do mistério da misericórdia de Deus. Aprenda, agora, um pouco sobre a consolação de Deus. Sim, eu me tornei homem e, como todos os demais homens, eu procurei consolação enquanto vivia na terra. Não recebi nem encontrei muita, como, aliás, aconteceu também com você... Mas, agora, olhe para as moedinhas que as pessoas me deram: são as minhas consolações, porque me foram dadas por pessoas que me amam. Esta é, de fato, a consolação da Trindade.

Entre no meu mistério, Catarina, e entenda, dentro dele, que é através de mim que você consola a Trindade. Consolando-me, você consola o Pai, o Espírito Santo e até minha Mãe. Portanto, não se esqueça: Eu me fiz homem, procurei consolação e pouca foi a que encontrei... Você também, se me seguir, não terá muita consolação. Quem entra no meu silêncio, fá-lo não para ser consolado, mas para consolar o seu Deus".

Antes que eu pudesse dizer uma só palavra, paralisada e atônita diante da transformação daquele mendigo, ele desapareceu; mas a pequena pilha de moedas ainda estava lá e, de novo, ouvi aquela mesma voz que parecia vir nas asas do vento:

"Pegue esse dinheiro e leve-o a quem precisa, porque é dinheiro abençoado". E o manto do silêncio envolveu-me novamente.

Permaneci longo tempo sentada naquele banco e muitos pobres vieram e se sentaram também ao meu lado. Fui dando o dinheiro, pouco a pouco, a cada um daqueles pobres que chegavam... Dinheiro santo, mas eles não sabiam disso. Durante muito tempo eu me afundei no silêncio total de Deus; total não, porque, quando se trata de Deus, há sempre mais! Entretanto, naqueles momentos, eu parecia estar tocando o abismo mais profundo desse silêncio.

Ao cair da tarde, chegou um policial e me disse: "Mulher, você esteve sentada aí o dia inteiro; agora chega; vamos embora". Eu perguntei, então: "Será que não posso continuar aqui a noite inteira também?" Responde o policial: "Bom, sim... se você assim quer... Mas você não comeu nada durante o dia todo. Tenho aqui alguns sanduíches que minha esposa me deu: tome alguns". E, dizendo isto, se afastou.

Eu tinha a impressão de estar perdida, não, porém, na consolação de Deus. Eu estava perdida na consolação do homem, com a impressão de estar rodeada de uma grande multidão de pessoas caladas e pobres. Chegavam muito perto, quase caindo sobre mim, que tinha o coração aberto para todos. Pois aqueles que entram no silêncio de Deus perdem a chave dos seus próprios corações, de modo que qualquer um pode bater e ir entrando... Agora, porém, não era apenas um grupo de pobres: era o mundo, o mundo inteiro avançando para mim.

Perguntei, então, a mim mesma: "Quem será toda essa gente?". E, de repente, compreendi: todas aquelas pessoas estavam feridas! Percebi que este mundo está sempre ferido, de uma maneira ou de outra. Os ricos estão feridos e machucados por suas próprias riquezas; os pobres estão dilacerados pela sua miséria. Sim, todo mundo ali estava ferido.

Era noite, escura e sem estrelas... E o povo continuava ao meu redor. Desta vez, não era mais Cristo que pedia esmola; eram aquelas pessoas... Estendiam as mãos em direção a mim e, num sussurro que parecia um canto, pediam-me que curasse suas feridas, porque — diziam — não podiam viver com elas por mais tempo. Que visão assustadora! Uma multidão inumerável, de mãos estendidas, pedindo, num imenso sussurro, para ser curada. Não entendo nada de curas, nem posso curar coisa alguma, muito menos uma pessoa; eu podia rezar por aquela gente, mas curá-la, não. Não era este o dom que eu possuía no silêncio de Deus.

Assim sendo, comecei a rezar, por aquelas pessoas, o Pai-Nosso, a oração que Jesus nos ensinou... Ao começá-la, o sussurro parou; as mãos continuaram estendidas, mas, pouco a pouco, toda aquela turba começou a repetir o Pai-nosso comigo. Entretanto, havia ali muçulmanos, judeus, budistas e toda sorte de representantes das mais variadas confissões religiosas. Evidentemente, todos esses não-cristãos desconheciam a oração do Pai-nosso; no entanto, *todos* estavam rezando!

Eu disse, então, ao Senhor: "Jesus, que farei com todas essas pessoas tão feridas? Não consigo entender porque *todo mundo* aqui está machucado.

Ninguém parece ter escapado das profundas chagas espirituais que o mundo abriu em todos eles. Que é isto, Senhor? Que farei?"

Nessa altura dos acontecimentos, eu tinha a impressão de estar sendo empurrada contra a parede, contra um imenso muro, por toda aquela gente; estava sendo esmagada, sem possibilidades de fuga. E, enquanto me pressionavam, soltavam gritos de todos os tipos e numa grande variedade de línguas. Meu coração redobrava de fervor na oração que por eles fazia, pedindo a Deus que viesse em seu auxílio. Eu também gritava a Deus dizendo: "Das profundezas, Senhor, chamei a ti". São as palavras iniciais de um Salmo.

Ocorreu-me a lembrança do bom samaritano; mas ele tinha apenas uma pessoa para socorrer, ao passo que ali estavam milhões de pessoas clamando a Deus por auxílio e conforto, enquanto ao seu redor, em volta de tanta dor e de tanta angústia, Satanás caminhava orgulhoso, com um riso de perfídia no rosto: ele, o pai da perdição, sabia que as feridas e o sofrimento poderiam levar aquele povo à desgraça total e final...

Ocorreu-me também a lembrança do velho Jó, com toda a tremenda dificuldade que experimentou ao procurar remédio para suas feridas físicas e espirituais.

De repente, ouvi uma voz, a voz mais possante que jamais escutei em toda a minha vida. Vinha de um campo de papoulas que estava ao lado. Sentado no meio das papoulas, todo vestido de branco, via-se um homem cuja voz o vento apanhou e trouxe até

mim, como já acontecera tantas vezes antes. E eu pude, então, ouvir estas palavras: "Bem-aventurados os pobres..." E assim foram passando todas as bem-aventuranças. Quando ele terminou, havia uma profunda calma e uma alegria serena no meio de toda aquela imensa turba.

Apesar disso, aquelas pessoas todas pareciam ainda precisar de alguma coisa, de algum bálsamo ou pomada para colocar em suas feridas; algum remédio que não estava nas palavras das bem-aventuranças. Então, o homem de branco levantou-se com majestade e logo ficou claro que era Jesus Cristo, embora muitíssimas pessoas ainda não soubessem quem era ele.

A primeira coisa, que Cristo fez, foi dar ordem aos seus apóstolos para preparar o pão e o peixe; em seguida, ele alimentou toda aquela fabulosa massa humana que me rodeava. Todos comeram e, no fim, as pessoas ainda levaram consigo centenas de grandes cestas cheias de pão e de peixe que haviam sobrado. O alimento trouxera certa consolação e paz àquela gente... Mas havia ainda feridas que não tinham sido curadas completamente.

A próxima coisa que vi foi uma mesa que estava sendo preparada pelos apóstolos: punham sobre ela enormes quantidades de pão e de vinho. Então eu disse a mim mesma: "Gente! Ele vai *realmente* dar-lhes de comer!". E foi exatamente o que ele fez! Alimentou todos aqueles milhões de homens e mulheres com seu próprio Corpo e seu próprio Sangue. E não fez distinção de judeu, cristão, muçulmano ou budista: alimentou os que o conheciam e também todos os demais, ateus ou de

outras religiões não-cristãs. A todos eles deu o pão da vida eterna. Ele morreu por todos os homens, alimentou a todos e a todos veio curar.

A turba dispersou-se e eu olhei para Jesus, que permanecia perto de mim. "Catarina, disse ele, este é outro mistério de Deus que você deve conhecer: Eu amo a humanidade e a reconciliei comigo. Foi para isto que vim ao mundo e fui crucificado: para reconciliar a humanidade com meu Pai. Vá pelo mundo afora e comunique essa Boa Nova a todas as pessoas."

O MISTÉRIO DA IGREJA

O cenário mudou completamente. Eu me encontrava, agora, num enorme salão... Era mais que isto: parecia ser uma catedral, como Santa Sofia, de Constantinopla, que eu já tinha visto uma vez. Havia um grande número de sacerdotes lá reunidos, vindos de todas as terras e, o que é mais interessante, de todos os tempos da Igreja, de todos os séculos passados, desde a Igreja primitiva até o cristianismo moderno.

Estavam todos conversando uns com os outros e alguns pareciam estar discutindo, outros estavam quase chegando às vias de fato! Evidentemente, todos defendiam alguma coisa, o que me fez lembrar a história de alguns dos concílios da Igreja em que houve debates ferrenhos e violentos, segundo li algures. Diante daquelas discussões e daquelas brigas eu comecei a rir... Mas, logo depois, estava chorando. Um sentimento de temor me envolvia toda, como um útero materno envolve o filho que lá cresce para a vida. O número de padres presentes parecia grande demais para a capacidade do recinto, mas o recinto, por sua vez, ia-se tornando maior a fim de poder contê-los.

Não sei como aconteceu, mas parecia-me estar na ponta de uma alta coluna, de onde podia assistir e presenciar tudo quanto estava acontecendo sem perder pormenor algum. Pois bem, o que vi me trouxe ao coração alegria e tristeza, ao mesmo tempo. Repentinamente, todos os padres abriram alas e, por aquele novo espaço, assim formado, surgiu uma procissão de pessoas, avançando em duas filas, trazendo luzes que vinham de dentro de

todas elas. Ao ver estas pessoas, assim iluminadas, concluí que deviam ser os santos, todos os santos. A luz que deles irradiava era fantástica e saía em jorros e borbotões em direção aos padres e penetrava no coração de alguns deles: daqueles que tinham o coração aberto. Havia, porém, os que conservavam o coração fechado e, evidentemente, o jorro de luz não entrava neles.

Bem na frente das duas filas da procissão caminhava Maria, a rainha de todos os santos, tanto dos canonizados como dos não-canonizados, pois era isto que simbolizavam aquelas duas longas filas.

Reconheci alguns daqueles rostos: Santo Agostinho, São Francisco de Assis, São João da Cruz, São João Maria Vianey e outros. Uma grande alegria tomou posse de mim quando vi que eles chegaram ao altar. Era como se Deus me estivesse dizendo: "Você está vendo? Eu tenho meus santos, pessoas que me seguiram até o fim!" Apareceu também Santo Estêvão e ouvi dele estas lindas palavras, ditas na hora de sua morte: "Senhor, não lhes imputeis este pecado".

Havia também, nas duas filas, milhares de mártires que tinham passado através do fogo e do sangue. Ouviu-se um grande hino, entoado por milhares de vozes, um hino que não rompia o silêncio de Deus e tinha acentos de uma música celeste qual eu jamais ouvira. Dominada pelo mistério desse silêncio que pairava acima das vozes e da música, eu caí prostrada diante do Senhor Jesus, cuja presença não via mas sentia perfeitamente.

A música continuava e minha alegria ia-se tornando

cada vez maior, misturando-se com a própria alegria de Deus, o que constitui também parte deste mistério do silêncio. Ele é, realmente, um *sobornost*, uma união com Deus: nele o homem começa a sentir algo do que sente o próprio Deus; o homem entra profundamente nas alegrias e tristezas de Jesus Cristo. Naquele momento, eu entrava na sua alegria e meu coração parecia a ponto de estourar, tal era a beleza daquela música celeste.

A procissão prosseguia... Nós, aqui na terra, fazemos distinção entre pessoas "beatificadas" e os santos *canonizados*; mas esta é uma distinção acadêmica e humana, que não existe para Deus. Um santo é um santo, antes, durante e depois da cerimônia ou declaração oficial da Igreja. Numa das filas, como já mencionei, estavam os santos oficialmente declarados tais pela Igreja, na canonização, mas a outra fila não era menor e nem eram menos belos nem menos luminosos os que nela avançavam.

A música era, cada vez mais, uma sinfonia alegre, o canto dos homens que se sentiram perdoados por Deus, reconciliados com Cristo; o hino das pessoas que se reconhecem pecadoras mas que sabem, também, que são imagem e semelhança de Deus. Todos estes seguiram Jesus Cristo, cada um a seu modo, humilde e sincero. Lá estavam milhares de mulheres que, através de séculos e séculos, tinham-se debruçado sobre os leitos dos enfermos, tinham alimentado os pobres, até mesmo tirando o pão de sua própria boca. Talvez você, leitor, reconhecesse algumas delas, porque os santos são pessoas que vivem ao nosso lado, todos os dias!

De repente, porém, no meio de toda essa beleza,

surgiu uma nota dissonante. O povo de Deus, a Igreja, libertada de tantas leis do Antigo Testamento, de tantas outras leis que pouco ou nada tinham a ver com Deus e com as bem-aventuranças, este povo, de repente, se viu infestado por uma multidão de vermes os quais logo se transformaram em serpentes que coleavam sobre o piso de mármore. Somente os santos as perceberam; os outros estavam preocupados demais com suas próprias idéias para ver qualquer coisa. Lá do meu posto de observação, no alto da coluna, comecei a perceber coisas pouco comuns.

Vi Santo Tomás de Aquino, por exemplo, saindo da fila e indo procurar seu superior a fim de lhe pedir licença para queimar suas obras teológicas. Ele dizia que havia visto Deus, enquanto rezava diante do crucifixo e, a partir daquele momento, seus escritos não passavam de simples palha. Aí eu perguntei a mim mesma como é que Santo Tomás havia aprendido o mistério de Deus, uma vez que tinha escrito coisas tão profundas sobre os mistérios da fé.

A resposta veio na voz de Cristo, segundo me pareceu: "O caminho para chegar a conhecer-me não passa através de livros; é o caminho da oração. É preciso rezar como o fez a mulher de Cananéia e aquela outra que apenas tocou com fé a fímbria da minha túnica. Isto não quer dizer, Catarina, que você e outros devam menosprezar e negligenciar os dotes de inteligência que dei a vocês. Devem usar todos os dons de Deus ao mesmo tempo, inclusive o dom de escrever sobre mim. Estes dons foram concedidos por meu Pai a fim de que a humanidade possa caminhar, na terra, em direção ao progresso e à paz.

Mas, quanto a conhecer-me e aos meus mistérios, isto só se consegue pelo caminho do silêncio: um silêncio tranqüilo que sabe esperar. Então, um dia, virei e revelarei meus mistérios a quem soube esperar a minha vinda".

Por um certo espaço de tempo, eu tive a impressão de que estava cega, surda e muda. Quando ouço as palavras do Senhor, isto sempre me acontece; mas, pouco a pouco, voltou-me o uso desses sentidos e recomecei a olhar para baixo, de cima da minha coluna. Agora eu havia entendido porque o superior de Santo Tomás de Aquino não o deixara queimar seus livros: as gerações futuras teriam ficado sem muitas das belíssimas e profundas teses que ele escreveu sobre Deus.

Em determinado momento, apareceu o Papa João XXIII e, lá do topo da minha coluna, eu podia ouvi-lo recomendar ao povo que abrisse as janelas! Nosso querido Papa estava enfrentando certa dificuldade lá embaixo e eu perguntava a mim mesma porque estavam tentando abrir as janelas. Foi então que vi, logo abaixo de mim, na nave central, o bispo Jansênio, com uma aparência muito ascética, pregando sua doutrina, rodeado de muitos ouvintes e seguidores.

A pregação de Jansênio centrava-se na afirmação de que somos grandes pecadores e, portanto, devemos fazer uma longa preparação para a comunhão. Sua pregação estava cheia de leis restritivas, regrinhas de limitação... Eu sacudia a cabeça, lá de cima e, enquanto ouvia Jansênio, procurava entender a razão do pedido de João XXIII no sentido de que se abrissem as janelas... Haveria uma reviravolta na

Igreja se as janelas fossem abertas; mas esta era uma reviravolta que já devia ter chegado há muito tempo. A Igreja adquirira muitos hábitos jansenistas; uma visão jansenista da vida persistia até os nossos dias.

Aí, então, eu percebi que era realmente necessário que se abrissem as janelas: precisávamos de ar puro, de espaço arejado. No século XVI, tinha havido uma grande divisão no Corpo Místico de Cristo, através da reforma protestante que transformou a religião numa infinidade de seitas. Já antes disso dera-se o grande cisma de Fócio que separou a Igreja oriental da ocidental. As janelas precisavam ser abertas e isso aconteceu nesta última parte do século XX, quando João XXIII conclamou a Igreja para unir-se no Concílio Ecumênico Vaticano II.

Acho que adormeci nesta altura dos acontecimentos. No meu sonho, fui elevada a uma espécie de céu, onde compreendi que Deus, às vezes, parece bloquear nosso conhecimento intelectual a fim de que surja, dentro de nós, um conhecimento sobrenatural, muito mais profundo que o primeiro. Entendi, então, que quaisquer que fossem as catástrofes que a humanidade pudesse enfrentar, tudo seria em seu próprio benefício no final das contas, porque os homens e mulheres chegariam, através desses desastres, um pouco mais perto de Deus. Assim, todos ergueriam ao céu o grito de uma grande oração: "Senhor das profundezas, a vós todos clamamos! Tirai-nos daqui e colocai-nos onde desejais que estejamos. Dai-nos uma compreensão cristã do mundo, de modo que possamos amar a terra e amar nossos irmãos. Que todos sejamos um

convosco e com nosso próximo!".

Ao despertar deste breve sono, meu olhar fixou-se nos sacerdotes que, desta vez, enxerguei com olhos novos, com olhos que tinham sido tocados por Deus. Eu vi então, que havia muitos sacerdotes santos; entretanto, eu sentia dentro de mim um desejo de mudar os seminários, infundindo neles a lei do amor, pois ressoava-me aos ouvidos a frase de Cristo: "Eu vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros".

Depois de Deus e de Nossa Senhora, não há, neste mundo, quem eu ame mais que os sacerdotes; por esta razão, eu clamei ao céu, dizendo: "Abba, Pai! Abri os olhos de todos eles e também os seus ouvidos. Abençoei suas mentes para que compreendam que são pastores e nada mais. Ajudai-os a se tornar pobres, dando aos necessitados tudo aquilo de que não precisam. Que eles vivam em casas simples e não em ricos presbitérios ou luxuosas casas paroquiais. Ensinai-lhes, Senhor, a falar sobre vós, de modo que os jovens e as crianças não saiam por aí à procura de outros cultos e de outras seitas. Despertai-os, Senhor, e abençoei-os! São todos irmãos vossos, ó Jesus, e herdeiros do vosso reino. Enviai-lhes vosso Espírito para iluminá-los. Por que não estão todos eles pregando o Evangelho nas estradas e encruzilhadas, como São Francisco de Assis? Pai, que aconteceu aos dirigentes da vossa Igreja?".

De novo a voz de Cristo chegou aos meus ouvidos, enquanto permanecia no topo da minha coluna: "Catarina, ame os meus sacerdotes porque me são todos muito caros. Eu lhes abro todas as riquezas do

meu coração. Mas, infelizmente, são muitos os que bloqueiam seu próprio coração contra mim. Reze pelos padres; peça a meu Pai que os cure, porque muitos deles estão doentes, centrados em si mesmos, acomodados numa tranquilidade inoperosa e medíocre. Há também os que sofrem a solidão, a rejeição e o medo. Reze para que sejam como os grandes mártires da Igreja primitiva, Sebastião e Estêvão, por exemplo. Que eles compreendam que só através do sofrimento e do martírio conseguirão ser pais, na fé, de milhares de cristãos. Sobretudo, porém, reze para que eles permaneçam no seio da Igreja, pois é aí que, como dentro de um útero sagrado, todos recebem a vida, juntamente com os dons da fé, da esperança e da caridade. Que estão os leigos e os sacerdotes fazendo com estes dons que eu lhes concedo, sobretudo os sacerdotes que chamei, de modo especial, para me seguirem? Sim, reze pelos padres".

Depois disso, senti-me transportada a outro cenário; como se o Senhor me tivesse apanhado pelos cabelos, levando-me pelo espaço.

Não entendi bem essa viagem espiritual que, evidentemente, era também parte do silêncio de Deus; sabia, porém, que, a partir do momento em que você entra nesse grande silêncio, nada mais tem a fazer do que segui-lo aonde quer que ele nos conduza. A gente escuta muitas e muitas coisas, mas isto não quer dizer que não estejamos dentro do silêncio. O que aí vemos e ouvimos passa diante de nós como uma espécie de quadro ou visão, uma espécie de série de pinturas feitas pela mão e pelo pincel do próprio Deus... Isto não interfere nem

rompe o grande silêncio em que nos mergulhamos por opção livre e espontânea.

Desta vez, eu não sabia mesmo onde é que estava. Apenas sei que surgiu dentro de mim um sentimento de temor que parecia emanar das montanhas, dos caminhos e dos grandes blocos de pedra que o margeavam. Agora mais do que nunca o silêncio era total em minha alma e em meu coração, só que, desta vez, não era o silêncio da paz; era um silêncio tecido de dor, de luta e de inquietude... Isto me deixava em dúvidas.

Pouco a pouco este meu silêncio foi-se enchendo de pessoas e, ao fixá-las melhor, percebi que eram freiras. Ainda uma vez apareceu a procissão, em duas filas: uma de santos canonizados e outra de santos "sem documentos"... Todos eles muito amados por Deus. Olhando para os primeiros, veio-me à mente um sermão que ouvi um dia e que muito me impressionou.

Certo padre, na Franca, assim pregava aos seus paroquianos: "Vou fazer-lhes uma pergunta; pensem nela e, depois, comuniquem-me sua resposta, de viva voz ou por escrito, como quiserem, na próxima sexta-feira ou no próximo domingo. Eu acabo de voltar de Constantinopla, onde vi o heroísmo das mulheres russas. Havia um grande desemprego em toda a cidade e vi mulheres casadas recorrendo à prostituição a fim de conseguir um dinheirinho para alimentar sua família. No fim da semana, eu caí de joelhos diante do Senhor e lhe perguntei se essas mulheres eram santas ou pecadoras. Esta mesma pergunta faço, agora, a vocês! Pensem!".

Nunca mais esqueci o sermão desse padre! Essa intuição me veio muitas vezes, desde que mergulhei no silêncio de Deus: quantos santos não-canonizados existem no mundo! Muitos destes levam vidas verdadeiramente trágicas, mas muito santas. Conheci uma mulher que vivia com sete dólares semanais para alimentar-se e, sobretudo, ao seu filhinho de pouca idade. Acho que há milhões de outras mulheres assim no mundo inteiro.

O Céu escureceu, como acontece freqüentemente no silêncio de Deus. De repente, parecia-me estar rodeada de relâmpagos e de trovões. Eu não havia dito uma palavra sequer e os acontecimentos passavam diante de mim como se fossem grandes painéis pintados por Deus o que, também, é de esperar que suceda nesse silêncio divino.

Então eu disse a mim mesma: "Aí está uma pergunta interessante, a que fez esse padre francês... Mas qual pode ser a relação entre a pergunta dele e estas freiras que agora vejo?". Fechei os olhos, porque estava muito cansada, não por causa do silêncio de Deus, mas por causa das visões ou quadros que ele trazia, constantemente, para este silêncio. Foi então que percebi: os raios e trovões estavam vindo dos corações das freiras!

Elas estavam cheias de inquietude. A maioria delas parecia ocupada numa discussão a respeito da "moda religiosa", isto é, de como devia ser sua maneira de vestir. Sim, pareciam interessadas demais nas suas vestes, tentando descartar qualquer maneira de vestir que as desse a conhecer ao mundo como freiras e, assim, as isolasse do mundo. Lutavam de corpo, alma e coração contra esse sinal

externo de distinção e de separação. Era uma cena trágica. Quanto mais uma pessoa penetra no silêncio de Deus, mais percebe e mais penetra a tragédia de um espírito que luta consigo mesmo. Sente-se, então, um grande temor, porque a luta contra si mesmo é também a luta contra o poder das trevas. Dentro de nós não deveria haver guerra.

E eu, lá no fundo do silêncio de Deus, que coisa poderia pensar ou dizer? Não sou coisa alguma; não sou ninguém. Nunca fui freira. Convivi muito com elas, desde a minha infância, em colégios por elas dirigidos; mas jamais soube coisa alguma da sua vida interior. Entretanto, naquele assunto de roupa, eu tive a impressão de que elas estavam desafiando Deus, porque o próprio Papa já lhes tinha dito de vestir-se de modo diferente dos leigos. Ora, quando o Vigário de Cristo fala, só pode ter lugar a aquiescência e a obediência.

Percebi também que havia pouca obediência, e não era só nesse assunto de hábito. Elas me davam a impressão de estar vivendo como presas de uma grande rebelião. Uma delas até chegou a levantar-se e desafiou o Santo Padre. Não sei bem o que foi que ela disse, porque estava perdida no meu silêncio, um silêncio triste, desta vez; um silêncio cheio de lágrimas.

Mas minhas lágrimas, afinal, não têm muita importância... Ou será que têm? Por que não pode uma pobre anciã chorar ao ver pessoas consagradas que esqueceram a sublimidade de seu chamado para ser Esposas do Filho de Deus, envolvendo-se em preocupações tão mesquinhas? Com importância ou não, o certo é que chorei bastante.

Dizem os russos que nossas lágrimas podem lavar os pecados dos outros. Sempre desejei que esse provérbio seja verdadeiro! Pois tudo o que eu posso fazer pelas freiras que eu tanto amo é chorar... mesmo que elas nem cheguem a saber disso ou, se souberem, não o compreendam. Neste grande silêncio de Deus, eu entendi, verdadeiramente, o que significa amar o próximo. As palavras de Cristo: "Amai-vos uns aos outros", são, agora, uma realidade constante em minha vida. Aquelas freiras, na catedral, eram minhas irmãs e eu rezei por elas, sem cessar.

Mais uma vez o cenário mudou e me vi completamente sozinha; não sei bem se a palavra está bem empregada, porque um grande temor me acompanhava; o medo entrou em meu coração e não mais me deixava. Olhei ao redor e deparei com um terreno bastante plano, excetuando algumas elevações, à distância, elevando as corcovas contra o horizonte. Havia alguns lagos e rios... mas todos poluídos. Os campos cheiravam produtos químicos que haviam sido pulverizados de cima, por avião.

Não gostei daquele lugar e queria partir; mas, por outro lado, desejava permanecer dentro do silêncio de Deus e, quando se está aí dentro, os lugares não têm muita ou nenhuma importância, porque você está perto de Deus, conversando com ele. A própria entrada nesse silêncio já significa conversa: conversa com Deus, por paradoxal que isto pareça. Só a experiência pode fazer com que alguém entenda isto; explicação não adianta. É uma das formas de *sobornost*, em que o homem está unido com Deus pelo fio muito fino, mas, ao mesmo

tempo, muito forte do silêncio.

Como dizia, não gostei daquele lugar; o silêncio me cativava, não, porém, o local. Daí a pouco começou a ventar; um vento forte que me arrebatou e me levou a uma grande cidade. Daí eu parti para uma longa peregrinação pelo país inteiro, viajando milhares de quilômetros, visitando centenas de cidades. Tudo aconteceu num piscar de olhos.

Não via mais padres nem freiras nesse novo cenário; apenas me vi mergulhada no "cotidianismo" do laicato. Extraordinário! Ora conversava com famílias, ora me encontrava rodeada de jovens e crianças, ora no meio de pessoas idosas. Até numa linha de montagem de automóveis eu me encontrei e — pasmem vocês! — até em pleno "jet set" da mais fina burguesia e "high society" de Park Avenue!

Foi exatamente aí que me lembrei de um acontecimento de minha vida passada, quando fui, certa vez, convidada a fazer uma palestra para umas quarenta mulheres. Era numa casa particular, porque elas recusavam ir a uma sala de conferências, alegando que, talvez, o local não fosse muito higiênico. Dei a palestra e, depois que a terminei, apareceu logo o mordomo com meu casaco, adquirido numa loja do bairro negro e paupérrimo de Harlem. O casaco tinha um rasgo enorme, entrando pelo olho até de quem não quisesse ver. O mordomo o segurava com verdadeiro desdém.

Uma daquelas senhoras disse, então, que iria dar-me um casaco novo, o que eu, naturalmente, recusei. Pedi que me chamassem um táxi para levar-me de

volta ao Harlem. "De modo algum, disse a dona da casa, meu carro irá levá-la!" E assim foi! Esta viagem constituiu uma das poucas ocasiões em que me assentei dentro de um Rolls Royce. O silêncio de Deus, dentro daquele carro, era um silêncio de raiva. Mais tarde, aquelas senhoras me mandaram, de fato, um belo e caro casaco novo que eu usava para penhorar cada vez que precisava de um dinheirinho.

Pio XI alimentava já a grande idéia de um laicato ativo, colaborando com a hierarquia católica no seu trabalho apostólico de Igreja. As encíclicas do tempo de Pio XI abriram e iluminaram para mim o caminho que eu devia seguir. Sempre sonhei com um certo tipo de ação que me projetasse em pleno apostolado da Igreja, para ajudá-la a crescer. O tipo exato e definido deste trabalho é que estivera sempre oculto no silêncio de Deus.

Chegou, porém, um dia em que tudo me foi revelado: foi durante essa peregrinação misteriosa que mencionei acima, quando percorria campos e cidades, aldeias e fábricas, pregando o Evangelho. Foi-me revelado o mistério das trevas quando presenciei, de perto, a avareza e tantos outros pecados aos quais eu raramente prestava atenção! Mea culpa!

Avareza e ambição! Dois vícios irmãos. A avareza ajunta e amontoa para si mesma. A ambição apenas deseja, com olho e coração, tudo o que é dinheiro, prestígio, poder. Pouco lhe interessa que estas coisas durem pouco em suas mãos; o importante é que estejam ao seu alcance de alguma forma, nem que seja por algum tempo só. Ambição e avareza são as "secretárias" do orgulho e da arrogância: cumprem

todas as suas ordens.

Enquanto assim viajava, dentro do silêncio de Deus, através de tantos lugares, ouvi muita gente que pregava o Evangelho, mas encontrei poucos que, *realmente*, o pregavam. É verdade que havia um bom número de leigos que se tinham desapegado de seus bens para seguir Cristo, mas estes, comparativamente, eram muito poucos e apareciam só de vez em quando. Em contrapartida, havia os milhões que ainda não acreditavam em Cristo, como os muçulmanos, hindus, budistas e tantos outros. O pior é que muitos destes se ajuntaram ao meu redor e eu pude verificar que muitos deles eram mais cristãos do que a maioria dos nossos cristãos de batismo.

Sentia-me cansada. Parecia-me ter gasto séculos e séculos atravessando o mundo daquele jeito. Percebi, então, que o Espírito Santo me pedia que descansasse e rezasse por todas aquelas pessoas que eu tinha visto, especialmente os cristãos. Naturalmente, foi com muita alegria que acedi a este pedido, se bem que, inexplicavelmente, comecei a chorar depois de tudo o que tinha visto. Minhas lágrimas jorraram no silêncio de Deus e encheram a terra. Primeiro surgiu um fio de água que, logo, se transformou em rio, o rio das minhas lágrimas que começou a percorrer o mundo. Não sei qual a utilidade desse rio de lágrimas, mas a verdade é que eu não conseguia parar de chorar desde o momento em que o Espírito Santo me pediu para descansar e rezar.

Ninguém consegue analisar estas coisas; elas são para serem experimentadas e, mesmo assim, em

pequenas doses. Não pensem que houve uma visão qualquer, extática e solene; não, houve apenas uma tentativa séria de seguir Jesus Cristo. Eu sabia que Cristo tinha chorado também e, talvez, o meu pranto foi um modo de entrar ainda mais profundamente no seu silêncio.

Continuei a refletir sobre o que havia visto e, apesar das lágrimas ainda quentes no meu rosto, o tentador apareceu e eu tive a impressão de estar entregue às suas mãos. Sem perder tempo, ele apresentou-me um argumento muito "lógico". Ei-lo aqui:

"Catarina, você acaba de ver que a Igreja cristã é um caso perdido, sobretudo a Igreja católica! Você viu que seus membros, de modo especial os leigos, só estão mesmo interessados em fazer dinheiro e na satisfação imediata de suas necessidades e desejos. Depois de atingir o que desejam, caem todos numa tremenda frustração. Considere a imoralidade sexual da hora presente, a desonestidade nos negócios! Você sabe que todo mundo faz assim. Já é tempo de você esquecer essa bobagem de silêncio de Deus para começar a viver, mas *viver realmente!* Ainda lhe resta bom tempo pela frente para viver bem, em paz e confortavelmente. Faça bom uso desse tempo!".

Foi como se um vento mau fizesse um remoinho ao redor de mim, com força tão grande que chegava a quebrar árvores. Eu me senti sacudida por este vento, enquanto o sussurro do tentador continuava:

"Para que passar tantos anos no esforço de levar o Evangelho a pessoas que não querem saber dele? O que entra por um ouvido sai pelo outro! É só olhar

para o que estão fazendo; suas ações são a maior prova da inutilidade de sua pregação, Catarina".

O vento e a tempestade estavam, agora, no auge. O que o tentador dizia era, em parte, verdadeiro. Isto me encabulava e me fazia perguntar a mim mesma: "Mas pode haver verdade no demônio, pai da mentira?". Aí, então, eu despertei e invoquei o nome de Maria; fiz o sinal da cruz e, imediatamente, o vento cessou. Como um viajante muito cansado, voltei a dormir.

Quando acordei de novo, Jesus estava lá e me disse: "Você foi tentada simplesmente porque eu preciso de aço bem temperado para trabalhar no apostolado leigo. Essa gente se lembra de mim e, de repente, me esquece! Qual a razão desse esquecimento é um assunto que não estou preparado para discutir; o que digo é que eles se esquecem de mim. É seu trabalho e de muitos outros, Catarina, sair pelo mundo e enfrentar esses leigos, esquecidos de mim, para trazê-los de volta ao meu Coração. Quando você estiver face a face com eles, você os amará e, a partir do momento em que começar a amá-los, eu poderei falar através de você".

Ainda uma vez o panorama mudou e me vi rodeada de montanhas muito bonitas, recobertas de árvores verdejantes. De cima destas montanhas eu vi a Igreja; não as "igrejas" que surgem no silêncio de Deus, mas *a Igreja*. Lá estava ela, acima da linha do arvoredo, brilhando aos raios do sol do meio-dia. Era bela e simples, com suas portas bem abertas, deixando entrar por elas tanto os ricos como os pobres. Um profundo respeito tomou conta de mim ao contemplar *a Igreja* e soaram-me aos ouvidos as

palavras de Deus a Moisés: "Tire as sandálias, porque este lugar é santo".

Subitamente, a Igreja se viu rodeada pelas chamas de um gigantesco incêndio, que não era menos santo do que o local, do que a própria Igreja. Sim, tratava-se daquele mesmo fogo mencionado por Cristo: "Eu vim trazer fogo à terra e que mais desejo senão que ele se alastre?". Fixando os olhos naquelas chamas, eu divisei um soldado romano, no momento em que abria o lado de Cristo com uma lança. Da ferida jorrou sangue e água e foi aí que compreendi de onde e como nasceu a Igreja.

O edifício era lindo, ostentando paredes, portas e cúpula transparentes. Havia uma imensa multidão dos mais variados tipos de pessoas que entrava e saía por aquelas portas, numa profunda simplicidade e alegria de coração. E eu ouvi um som muito forte que era a voz uníssona de todo o povo de Deus. Não tinha dúvida alguma de que todo aquele povo estava unido a Cristo, como um imenso corpo cheio de membros, dos quais ele era a cabeça. Do meio desse imenso povo fluía um profundo sentido de adoração que ia penetrando no silêncio de Deus. E eu, diante dessa cena, me sentia num tal estado de admiração e enlevo interior que mal podia suportá-lo.

E eis que, de novo, a cena se desfez, como num calidoscópio. Houve, de repente, um esfacelamento, como se tudo estivesse desmoronando e se rasgando em pedaços. As portas continuavam lá, mas, agora, estavam todas barradas. Pensei que fossem meus olhos. Procurei limpá-los das lágrimas que surgiram, enquanto dizia a mim mesma: "Não pode ser o próprio povo de Deus que esteja causando todo esse

desmantelamento!". Mas a verdade é que tudo estava ruindo diante dos meus olhos, e era, realmente, o povo de Deus que se destruía uns aos outros, porque cada um tinha a *sua* noção de Igreja. Os intelectuais discutiam com belas e grandes frases e, entre estes, havia até os que negavam a existência do próprio Deus. Até que não me era muito difícil entender como eles se sentiam. Veio-me à memória um dia de revolta em minha vida, quando eu estava no bairro negro de Nova Iorque, Harlem. Nesse dia, eu atirei os braços para o céu e gritei para Deus: "Como é que vós permitis que façam estas coisas com os negros? Olhai, Senhor, para estes pobres rostos! A escravidão continua, só que de forma diferente. E vós permitis isto!".

Nessa altura, eu caí no chão, como se alguém me tivesse dado uma bordoadada na cabeça. Consegui levantar-me e, desta vez, gritei ao céu em favor do índio e de todos os imigrantes que tinham vindo para a América do Norte, fugindo dos horrores do seu país, como eu mesma. Então rezei por todos aqueles que foram chamados de "polaca suja" e outros nomes horríveis como os que me deram. Estes epítetos zuniám na minha cabeça como um enxame de abelhas. Lembro-me de ter procurado um emprego, em certo restaurante de Toronto, onde o gerente me perguntou: "Qual é sua religião?". Quando eu disse que era católica, a resposta veio como uma pedrada: "Não aceitamos católicos aqui!". Segui então os ensinamentos de meu pai e seu exemplo: voltei para casa e me pus a jejuar e a rezar de braços em cruz; entretanto, nem isto parecia ajudar. Foi aí que os meus dois braços se tornaram os braços da justiça.

Não agüentava mais; tinha de falar sobre justiça internacional, isto é, justiça devida a todos os grupos raciais de quaisquer cores que eles sejam. Tornei-me, então, peregrina, conferencista ambulante, falando diariamente em tudo quanto era lugar, sobretudo em colégios católicos. Vem-me, agora, à mente, um momento de profunda alegria, quando as beneditinas de Collegeville, em Minnesota, aceitaram a matrícula do primeiro aluno negro, gesto que logo foi seguido por outro educandário também beneditino. Nunca me esqueci disto e como rezei para expressar meu agradecimento. Infelizmente, porém, tais ocasiões eram raras.

Olhei, de novo, para a Igreja. Como ela estava bela e reluzente, exatamente como deve ser a Noiva de Cristo! Ele disse que as portas do inferno — o poder diabólico — não prevalecerão contra esta sua esposa divina. Eu percebi, naquele momento, a infinita ternura e o imenso amor que Jesus dedicava à sua Noiva. Ela passou diante de meus olhos, toda radiante, surgindo do profundo silêncio em que eu própria estava imersa.

Eu vi o que a Igreja é realmente: a Amada de Deus. Vi mais ainda: ela é a Amada de Deus servindo ao povo que Deus ama de modo especial: os pobres; aquele que Cristo alimentou com pães e peixes e, hoje, nutre com pão e vinho. Ao perceber isto, um grito de adoração irrompeu de dentro de minha alma.

Mas, ao mesmo tempo, percebi, também, o que os católicos estão fazendo com a Igreja: vi homens e mulheres aborrecidos com os sermões e homilias durante a missa, só porque os padres não falavam

"bonito" ou falavam mesmo mal. É verdade que há padres que falam mal... mas as pessoas deviam concentrar-se na beleza sublime da missão deles e na mensagem que procuram transmitir.

Já estive em centenas e centenas de igrejas e ouvi sermões pregados por todos os tipos de sacerdotes: oradores famosos e padres da roça. Certa vez, ouvi um destes últimos, dentro de uma igreja-barraco; ele mal sabia alinhar as frases corretamente. De repente, porém, do fundo do silêncio de Deus que me envolvia, eu comecei a escutar o sermão dele com ouvidos novos. Então, senti uma infinita alegria ao ser invadida pela maravilhosa convicção de que, quando um sacerdote está pregando, no altar, é Deus quem está falando e, neste caso, nada é trivial, nada obscuro. Mas quando um padre começa a pavonear-se, envaidecendo-se todo, por causa da beleza de seus sermões e de sua fama de pregador famoso, aí sim há razão para temor... Ele não está falando em nome de Deus, está buscando a si mesmo.

Eu vi a Igreja dilacerada. Estava quase caindo em pranto, quando percebi que Jesus unia novamente os pedaços do seu Corpo Místico e curava as feridas dessa Igreja. E havia música no ar celebrando a restauração e a cura daquela que saiu do seu lado divino transpassado.

Sim, eu vi a Igreja. Não saberia dizer como a vi nem de onde ela veio, mas lá estava ela, radiante de luz, enquanto ricos e pobres entravam pelas suas portas, pelo seu coração. Senti uma paz imensa ao perceber que essa Igreja estava sempre sendo restaurada e renovada por seu divino esposo, Jesus Cristo, seu

Mestre e seu Senhor. Nós celebramos a Ressurreição de Cristo apenas uma vez por ano, mas ele renova, restaura e faz ressurgir sua Igreja a cada minuto que passa, dia e noite.

A esta altura, tive um momento de repouso entre os pinheiros. Era noite, uma noite cheia de estrelas. Mais cintilante, porém, do que todas as estrelas, mais brilhante do que a lua, era o fulgor da Igreja no meio da escuridão. Ouvi uma voz que me dizia: "Mais uma vez, Catarina, você está saboreando um pouquinho do meu silêncio infinito. Quero que você veja o mistério da Igreja: as pessoas podem fazê-la em pedaços... mas eu junto estes pedaços e lhe dou nova vida. Tenha fé no meu poder! Sua fé pode parecer que está pendendo de fios muito finos e fracos, mas eu darei resistência a estes fios para que você possa defender a minha Igreja!".

A MULTICOLORIDA VOCAÇÃO DO SILÊNCIO

Lá estava eu, agora, numa floresta, quase à noite. O ambiente era russo, com abundância de bétulas e pinheiros muito altos. Havia também, ao lado da floresta, pequenas extensões de campos bem planos, no estilo que eu tanto apreciava quando jovem. Esquilos e outros bichinhos corriam para cá e para lá, sem medo da gente. Que saudades da minha adolescência!

De repente, tudo ficou mais escuro e as lembranças da minha juventude se desvaneceram. Sumiram também as bétulas e os campos floridos. Ficaram apenas os altos pinheiros, subindo como torres enormes, assobiando ao vento que acariciava seus galhos.

Fui transportada a diversas regiões da Rússia onde visitei os mais variados tipos de mosteiros e conversei com monges também de tipos diferentes. A estes eu perguntei: "Como é que vocês conseguem sobreviver ao silêncio?". Ao que eles, sorrindo, responderam: "O difícil não é sobreviver ao silêncio... O problema consiste em sobreviver ao blá-blá-blá das pessoas!". Percebi, então, que, para aqueles homens do deserto (fora das grandes cidades, há muita região deserta na Rússia) era difícil conversar com outras pessoas. Mesmo assim, eles persistiam naquela vida, porque entendiam que sua vocação era "multicolorida". Perguntei-lhes o que queriam dizer com esta palavra e eles responderam: "Nossa vocação de silêncio tem muitas facetas e variados aspectos".

Insisti na pergunta, dizendo-lhes que estava muito

interessada no silêncio (molchanie) e queria entender o grande silêncio de Deus...

Então, um deles me disse: "Lembra-se daquele dia, há muitos anos, quando você veio aqui para receber uma bênção? Você e seu marido foram os primeiros que fizeram isto. Pois foi exatamente naquele dia que eu comecei a pregar o Evangelho".

Sim, lembro-me bem desse dia, na Rússia, muitos anos atrás. Meu marido e eu fomos visitar um santo ermitão... Mais tarde, ouvimos dizer maravilhas acerca do poder da sua palavra: "É como se Cristo falasse através dos seus sermões", diziam os camponeses.

Mas eu ainda queria saber o que significava aquela história de "vocação multicolorida"... Fui ter, então, com São Sérgio, meu Santo russo predileto, e disse-lhe: "Meu caro São Sérgio, explique-me, por favor, o sentido desta vocação multicolorida".

Ele sorriu, por cima da sua grande barba, e disse: "Pois não; é muito simples: quer dizer que estamos totalmente à disposição de Deus, abandonando-nos a ele inteiramente em tudo quanto nos diz respeito. Desta maneira, seu chamado ou vocação nos atinge nas mais variadas formas, de todos os lados da nossa vida que, por sua vez, se reveste de todas as cores ou matizes do serviço ao próprio Deus e aos irmãos. Algumas vezes somos chamados a descer às profundezas da sua dor, quer no Getsêmani, quer no Calvário ou diante de Pilatos... É uma dor profunda demais e poucos são chamados a mergulhar no seu âmago. Entre estes poucos não estão somente monjes, padres e freiras... Não, também os leigos

recebem o chamado. A dor mais profunda de Cristo foi sua rejeição por parte daqueles que ele tinha amado, perdoado e curado de seus males e feridas. Todos temos de passar por essa dor antes de experimentarmos as alegrias da ressurreição.

A dor é uma cor sombria, continuou São Sérgio; mas existe o branco dourado da alegria que nos envolve por dentro e por fora, como num banho misterioso. Tem-se a impressão de que nosso coração vai explodir, na antevisão das alegrias da ressurreição. E assim, de virtude em virtude, há muitas outras cores nesta vocação multicolorida do silêncio. Por que não vai até São Serafim de Sarov para fazer-lhe a mesma pergunta? Ele poderá falar-lhe sobre as outras cores. Somente no silêncio de Deus você poderá entender o sentido desta vocação".

Lá fui eu, então, até São Serafim de Sarov e repeti-lhe a pergunta. Eis o que me respondeu: "Bem, você já conhece o roxo escuro da dor e da paixão, bem como o branco luminoso da alegria... Existe também o cinzento que representa a vocação daqueles que são chamados a comer com os pobres, com os marginalizados deste mundo. Com esta atitude de conviver com os pobres e de defendê-los, as pessoas irritam os ricos e os grandalhões deste mundo. A vocação cinzenta é também a de viver o Evangelho no meio de corações fechados, no meio de pessoas que não entendem absolutamente nada do que seja a mensagem de Amor da Boa Nova. A cor cinzenta é bater em portas que nunca se abrem! É enfrentar muralhas que nos fecham o caminho, pedras que não se podem quebrar nem contornar! Cinzento é tentar entrar em corações tão duros como as pedras.

As pedras são cinzentas; sabia disso, Catarina? Sim, as pedras são cinzentas e... duras! Abraçar esta vocação cor de cinza, no silêncio de Deus, é um dever de todos nós. Mas é tremendamente trágico... para além de quaisquer possibilidades de explicação.

Pois bem, depois de envolvido em todas estas cores, o cristão se torna um pai ou mãe espiritual. Apesar de ter a vocação do silêncio de Deus, contudo, a gente fala. Você permanece fechado neste silêncio, mas o trinco do coração nunca se fecha por dentro, porque alguém pode vir bater-lhe à porta, pedindo que você seja seu pai ou sua mãe espiritual. E você aceita, porque é esta a sua vocação. Então se verifica o maravilhoso contraste: fechado no silêncio, você fala! A paternidade ou maternidade espiritual é, em si mesma, uma vocação multicolorida".

Não satisfeita ainda com todas estas respostas, viajei até um outro mosteiro onde fiz a mesma pergunta sobre esta vocação misteriosa e colorida. O abade abençoou-me e disse: "Venha comigo". Levou-me até à capela e aí me deixou sozinha, com estas palavras: "Agora, pergunte a ele o que significa esta vocação multicolorida".

Então, eu fiz essa pergunta a Deus. Ele sorriu e respondeu: "Pouco a pouco eu lhe explicarei tudo a este respeito... Mas, como se trata de uma vocação multicolorida, você levará algum tempo até entender o sentido de cada cor. O sentido e o mistério! Gradativamente eu lhe revelarei todas as cores!".

Um peregrino do silêncio e da dor

*Qual a minha resposta? Pois escute...
Inútil recusar...
não consigo esconder;
sou peregrino do silêncio,
do silêncio e da dor.*

*Caminhaste, Senhor, de pés descalços,
na poeira de estradas palestinas,
no pequeno país em que nasceste...
Mas eu, teu peregrino, só viajo
de avião e de navio, mundo afora,
ou deslizando em largas auto-estradas,
atravessando este mundo moderno
diante do qual a tua Palestina
mal chega a ser um ponto no infinito,
um pequeno desenho, cor perdida
no total da visão calidoscópica!...
Entretanto, Senhor, em toda parte,
vou descobrindo marcas de teus pés!*

*E eu vou pondo meus pés nestas marcas;
caminho sobre elas,
lentamente,
porque também estou ferida,
ferida como tu...
Ferida por ti,
pelo amor que te consagro
e que consagro aos outros.
E as feridas gotejam,
marcando navios, marcando as estradas,
marcando até o ar.
Meu sangue... — ou será o teu? —*

cai em todos os cantos do mundo.

*Acabaram-se os dias dos discursos...
os da ira abrasadora,
das palavras vibradas como espadas
a fim de defender-te.
Hoje, eu falo em silêncio,
com os lábios das minhas feridas
— ou serão as tuas? —,
sozinha entre turbas barulhentas.
Sou peregrina da dor e do silêncio
e deixo um dom em cada canto:
uma gota de sangue, aqui e ali,
e sem nunca saber se é meu ou teu!*

*Eu sou um peregrino que te busca
e que, entretanto, já te dou aos outros
porque és tu, meu Senhor, que vejo e
encontro em cada irmão que toco,
vejo e encontro.
Ah, como isto é sublime
e como é incrível,
que mistério tão grande e tão profundo,
quando eu sou uma tola
e tão pequena!*

*Mas, em quantos, Senhor,
também te perco quando eles,
em seus lares,
não te aceitam.
E eu me afasto sangrando
em feridas abertas
que, a cada passo, gotejam...
E eu continuo andando,*

*porque devo encontrar-te
e devo, ao mesmo tempo,
dar-te aos outros, a quantos eu encontro
em meu caminho.*

*Ah, sim, devo encontrar-te,
comunicar-te a todos,
através do silêncio,
da minha e tua dor.
ALELUIA!*

Não foram apenas os monges russos que tive de visitar. Os altos pinheiros e as bétulas abriam lá em cima as suas copas e, ao meu redor, passavam os desertos de todo o mundo, como formando todos um imenso rio. Era uma mescla original de areia e de vegetação, de branco e de verde. As neves do norte pareciam misturar-se com as areias do sul. Apareceram homens santos da Índia, hindus, ascetas. Depois eu vi altas montanhas nas quais viviam místicos do Tibet. A seguir, fui transportada ao Amazonas, onde vi feiticeiros, homens santos de suas tribos, todos em pé, ao lado das areias prateadas.

Parecia-me que, em minha peregrinação, Deus queria que eu visse todos os grandes silenciosos da terra. Era como se ele me dissesse: "Vá, veja e descubra todas as mais diversas faces do meu silêncio que, saindo do meu coração e do coração da Trindade, cobre todo o imenso universo. Há muitos que não percebem este silêncio simplesmente porque não tiram algum tempo para nele entrar. Vá!".

Caminhei muitas milhas e falei com tantos

"silenciosos" que perdi a conta. Não se tratava de pessoas importantes, mas sim de gente humilde e sem nome. De todos estes, em suas comunidades, sempre havia um ou dois que tinham recebido o chamado para entrar no silêncio infinito de Deus. Foi a estes que eu segui; mergulhei no seu silêncio e, conseqüentemente, no coração de cada um deles.

Eram pessoas que se tinham perdido no silêncio de Deus, como se o Senhor as tivesse arrebatado para além de todos os limites do mundo, levando-as para um lugar onde todas as terras se encontram. Estavam ainda no mundo, mas pareciam viver fora dele, como peregrinos a caminho da parusia, da eternidade, respirando uma paz que só se encontra lá em cima.

Estas pessoas estavam de tal forma imersas no silêncio de Deus que a gente quase podia tocá-lo. Tinha-se a impressão de que emanava delas um brilho tremeluzente do qual elas mesmas pareciam inconscientes. É na presença de pessoas assim que se tem uma noção clara do que seja a violência: este silêncio de paz é um contraste estupendo que expõe, aos gritos, a natureza da violência: ela sai, à noite, para tocaias e assaltos contra os nobres filhos do silêncio.

E, assim, continuei minhas viagens pelo mundo e pude ver, com dor no coração, como a violência, às vezes, consegue vencer e esmagar alguns destes filhos do silêncio de Deus. Estou falando dos mártires que eu vi, irradiantes de glória. Seus corpos foram torturados e arrastados sobre a poeira e as pedras dos caminhos. Eu os vi por toda parte, estes filhos do silêncio de Deus que se deixaram massacrar pela

violência, ostentando mantos sangrentos em vez de suas roupas costumeiras. Meu coração rejubilou de alegria ao observar tantos e tantos "silenciosos" que se tornavam mártires, neste vasto mundo.

Não senti compaixão ou qualquer outro sentimento que, normalmente, as pessoas experimentam, ao ver os sofrimentos alheios. Senti a suprema exultação da alegria, porque o martírio é o berço da fé, e o sangue dos mártires é semente de novos cristãos.

A alegria foi tão grande em mim que comecei a cantar. Então, bem ao meu lado, soou a voz do Senhor: "Catarina, continue cantando, porque o martírio é o maior dom que posso dar aos homens e o maior presente que os homens me podem dar. Cante, porque, talvez amanhã, algum filho de Madonna House possa ser martirizado... Talvez você".

O silêncio é como um deserto: está cheio de rugas, de vincos e de dunas de areia que parecem ondas. Vistas do dorso de um camelo, estas ondas parecem estar correndo atrás de um velho mar que por ali passou há milhões de anos. Às vezes, a gente caminha por estas vastidões com areia até quase aos joelhos. A temperatura pode subir a uns 50 graus, durante o dia, para cair a dois ou três graus durante a noite. É no deserto que se vê melhor a lua e as estrelas.

É belo este imenso lençol branco de areia, mas de uma beleza que você não percebe por estar unido a uma tremenda rudeza e severidade que suscita em nós o desejo de martírio... Este desejo cresce no coração de todos quantos já estiveram na praia das

areias prateadas e mergulharam no mar imenso do infinito de Deus.

Perguntemos, agora, com franqueza: quem deseja ser mártir nos dias de hoje? Quem aceitaria um tal destino, pela causa do Bem Amado, pelo amor de Jesus Cristo? Por incrível que pareça, *existem* pessoas que suspiram por tal oportunidade, rezam para morrer mártires e acolhem o martírio com alegria.

Lembre-mo-nos dos mártires romanos do Coliseu. Quem sabe o seu número exato? Alguns deles estão registrados na história e canonizados pela Igreja. Alguns... Mas, na verdade, todos deveriam ser canonizados, porque todos deram sua vida pela fé em Jesus Cristo. Houve, entre eles, imitadores perfeitos de Jesus, como Santo Estêvão, que não só perdoou seus assassinos, mas ainda rezou a Deus por eles, pedindo que não fossem castigados.

Não é fácil explicar o desejo do martírio. Para tanto, você precisaria entrar numa nova dimensão de vida, atravessando a ponte do silêncio de Deus para chegar ao seu Amor. Quando se está apaixonado por Deus, sente-se um tremendo impulso de identificação com o maior de todos os mártires, o mais querido de todos eles, que por nós morreu na cruz. E este impulso pode atingir proporções incríveis e inauditas. Então, a gente se arrasta pelos areais infinitos do deserto, do silêncio de Deus, como alguém embriagado pelo amor deste Deus... É uma busca ansiosa desse Amor, alimentada pelo desejo ardente de encontrar e abraçar o Bem Amado. É ele quem caminha no deserto do nosso coração, perguntando: "Você sabe, porventura, quanto o

amo?". E a nossa resposta é sempre: "Senhor, vós sabeis tudo; vós sabeis que vos amo! Vós me trouxestes ao vosso silêncio e este nos levou ao vosso Amor. Agora, só desejamos identificar-nos convosco inteiramente e dar por vós a nossa vida".

E assim percorremos o deserto de baixo para cima e de cima para baixo, até que nossas pegadas fiquem bem fundas na areia. Mas, continuamos a caminhar, procurando sempre aquela porta que, do silêncio, se abre para o martírio. Não são muitos os que a encontram e por ela passam... O martírio é a mais bela flor que germina e desabrocha no caule do silêncio.

Quando os índios torturavam São João de Brébeuf, o mártir jesuíta do Canadá, ele parecia não sentir dor alguma; não contraía um músculo sequer em sua face... É que, de certo modo, já estava no céu, completamente identificado com aquele que, por primeiro, se deixou martirizar por nós todos.

A porta do martírio, porém, pode ser ilusória, como uma miragem no deserto. Muito cuidado, muita prudência e discernimento são necessários neste ponto... Quando ela se abre para uns poucos privilegiados, também passa por ela uma grande luz e uma grande sabedoria.

Às vezes me pergunto o que pode salvar o mundo do nosso tempo. Oração? Sem dúvida. Jejum e penitência? Também. Mas, em última análise, o mundo atual só poderá mesmo ser salvo pelo martírio, exatamente como aconteceu no tempo de Cristo, quando só a cruz solucionou o problema da Redenção. Neste ponto das minhas reflexões é que

eu perco o sono nas minhas longas noites. Então, me ponho a caminhar pelo deserto e vou percebendo que a porta final da minha caminhada só pode conduzir-me ao martírio: este deve ser o estágio final da minha jornada.

Não se acabaram os martírios! Hoje, agora mesmo, você pode pegar o jornal do dia e ler notícias de mártires cujo sangue mal secou: Dom Oscar Romero e alguns outros padres e freiras em El Salvador... E outros cristãos anônimos na Rússia... Quando chega o momento do martírio, há um surto novo de energia e de poder que aparece nas almas dos homens, das mulheres e até mesmo das crianças. É uma força espiritual que deixa os homens pasmos. Na hora final, a vida emerge numa torrente magnífica: uma torrente de amor e de alegria pela meta alcançada: a morte por amor do Bem Amado.

Muitos foram os cristãos, e até judeus, hindus e brâmanes, que já entraram neste silêncio de Deus e entenderam tudo isto de que estamos falando; poucos, entretanto, muito poucos, têm ido até o fim, até o fundo desse silêncio libertador e nele passam toda a vida, deixando-se envolver completamente pelas suas exigências e sua luminosidade.

O coração humano vive procurando soluções para seus problemas... No processo dessa procura, já tentou todas as soluções possíveis debaixo do sol. E continua com problemas. Chega, afinal, o momento em que este coração humano descobre a solução, a única que existe: o seu "eu" deve desaparecer para ceder lugar a Cristo, servindo humildemente à humanidade. Para chegar ao cume desta identificação com Cristo, a subida é longa e os

degraus são numerosos. Felizes os que chegam lá e experimentam, em suas almas, a mesma explosão de paz e felicidade que foi o quinhão dos mártires, como resultante da sua união total e final com o Bem Amado!

Diz Salomão no Cântico dos Cânticos: "Não desperteis, não acordeis o amor" (3,5), porque agora tudo está tranqüilo e em paz. Dois silêncios se fundem em um só. Abre-se a porta pela qual só entram aqueles que vestiram o manto sangrento de Cristo. Vendo-os assim vestidos, Jesus os reconhece e vem ao seu encontro de braços abertos. Estão cheios de chagas. Seu corpo está mais dilacerado do que os trapos que os cobrem. Mas o abraço de Cristo modifica tudo isto: suas chagas começam a brilhar e o manto sangrento se transforma num manto dourado. Aí, então, Cristo os toma pela mão e os apresenta a seu eterno Pai, que também os abraça. E o Espírito Santo paira sobre eles como um divino sol de infinita alegria.

Repitamos: estamos vivendo em tempo de martírio. Aqueles que estiverem preparados para derramar seu sangue devem pedir a Deus a graça imensa de se tornarem mártires. Conheço um padre há muitos anos, desde seus dias de seminarista... Este sacerdote poderia ser chamado de mártir por ter vivido num campo de concentração de prisioneiros. Três de seus colegas morreram mártires neste campo... Até hoje o desejo do martírio é uma constante em sua vida e eu também rezo muito para que Deus lhe conceda essa graça, a fim de que seu sangue seja semente de cristãos.

Certa vez, eu conversei com Deus a este respeito e

perguntei-lhe se, realmente, ele desejava que eu rezasse para que houvesse mártires na Igreja. A resposta de Deus foi incisiva: "Mas é claro! Se não houver mártires, como poderá a Igreja continuar a existir?".

O panorama agora é monótono e plano. Parece um deserto, visto assim, de relance; mas, olhando melhor, descobrem-se variados tipos de pequenos arbustos e flores que parecem brigar com o vento, vindo de todos os lados. Estou só. Aprofundo-me sempre mais neste silêncio de Deus tão calmo e tão sereno. Este silêncio é sua fala infinita, carregada de mensagens e de mistérios; eis porque não é fácil entender imediatamente este silêncio. Então, toma posse de mim uma tremenda solidão e não há nada que eu possa fazer para vencê-la. É como se Deus tivesse desaparecido.

No momento, estou debaixo de um daqueles arbustos que mencionei. Tenho impressão de que não consigo encontrar Deus a não ser no meio destes arbustos que lutam contra o vento. Tenho de encontrar este meu Deus, pois foi para isto que entrei no seu silêncio e, por nada deste mundo, posso afastar-me dele. Algo me diz que devo procurá-lo no vento...

De repente, faz-se uma grande tranqüilidade e sinto que devo entrar nela, se bem que experimento certa relutância em fazê-lo. Os ventos se foram para não sei onde e eu pensava que eles me levariam a Deus... De qualquer forma, devo continuar a buscá-lo aonde quer que ele me leve. O que devo fazer é muito simples: os arbustos são muitos e fechados; devo apenas ir abrindo-os, lentamente, com as mãos

e continuar caminhando dentro deles. Exatamente como fiz outrora, saindo das areias prateadas e entrando mar adentro, pelo infinito de Deus. Sim, tenho de adentrar por essas moitas...

É estranho tudo isto! Afinal, o que posso encontrar no meio deste mato, perdida no deserto? Pouco importa... Lentamente, como se meus braços pesassem toneladas, vou arrastando os galhos e entrando até que, com imensa surpresa, aparecem uns degraus que descem diante dos meus passos; é uma escada escondida entre os arbustos. Desço por ela ao centro daquela imensa galhada.

Mas os degraus não acabam, por mais que eu desça. A cada passo eu me lembro das missões que Deus me confiou; cada degrau me lembra um apostolado. No primeiro degrau, por exemplo, meu passo é lépido e levo uma pasta debaixo do braço e carrego uma máquina de escrever. Levo também uma mala com roupa e logo percebo que estou andando pela rua Isabela, em direção à rua Portland, em Toronto... Foi aí que comecei o meu apostolado; foi o princípio, nas favelas de Toronto.

Na medida em que avançava, delineou-se diante de meus olhos todo o quadro da minha pobreza daqueles dias, quando, espontaneamente, renunciei a tudo o que possuía e saí a pedir esmolas, mais para os outros do que para mim. Mais um degrau na escada... e vi-me, agora, envolvida nos problemas da justiça social. De repente, olhei para baixo e não havia mais degrau; tive de pular. Encontrei-me, então, em Rochester, uma rua de Ottawa onde costumava levantar-me às cinco e meia da manhã e trabalhar até às onze da noite.

Continuei a não ver mais degraus pela frente... Era preciso pular no vácuo... Lá vou eu! Flutuei por alguns momentos até que as mãos de Deus me acolheram suavemente e me puseram sobre um outro degrau dessa longa escadaria. Esse degrau era o Harlem, o bairro negro de Nova Iorque. Aí se desenvolveu uma longa história: a história de minha alma e do amor de Deus para comigo. Foi aí que me encontrei com Dorothy Day, que veio pedir-me desculpas porque alguns funcionários do seu jornal *Catholic Worker* não me haviam reconhecido. Mais um degrau e me encontrei com o jesuíta Padre Lafarge...

Descendo mais ainda, recordei os altos pinheiros de Combermere e o bispo Dom William Smith. Agora, estou sentada na areia, junto ao rio, mais quieta do que um inseto esperando pela sua presa. Como eles esperam sua presa, eu espero a voz de Deus que vem no vento e no barulho das folhas e dos galhos. É assim que falo com ele.

Não se admirem, meus amigos, com isto que lhes pode parecer uma fantasia... Há tolos que conversam com Deus, de vez em quando; nós os chamamos *urodivia* na Rússia, o que significa "tolos por amor de Cristo"! Pois bem, eu sou um destes: falo com Deus no silêncio das noites, entre os altos pinheiros e as bé-tulas de casca branca!

E a voz de Deus assim me falou: "Você se lembra ainda, Catarina, das palavras que, um dia, lhe disse sua mãe?". Eu perguntei ao Senhor que palavras eram estas e ele respondeu: "Quando ela lhe disse que você tinha nascido sob a sombra da cruz!". Aí, então, eu disse a Deus que me lembrava muito bem

e ele continuou: É bom que se lembre, porque é exatamente onde você está agora: sob a sombra da cruz. Todas as tempestades que você teve de enfrentar, até agora, vieram do demônio; mas, neste momento, estou ao seu lado e ele não pode tocar em você. E a razão é porque você passou das areias prateadas para dentro do infinito deste mar que é meu silêncio. Agora pergunte-me tudo quanto deseja saber".

Eu disse, então: "Parece incrível, Senhor, que eu tenha sido rejeitada durante tanto tempo em minha vida e em meu trabalho. Só vós conheceis as dimensões dessa rejeição. Só vós sabeis o que fizeram contra mim padres, freiras e leigos. Eu nem sei como consegui sobreviver. Nada parece fazer sentido, Senhor".

Suavemente, ele assim me respondeu: "Tudo isto começou quando você era pequenina, minha filha. Meu Pai, eu e o Espírito Santo fizemos em você nossa morada e, quando ainda muito jovem, você se apaixonou por mim. Maria, minha Mãe, também sempre amou você desde os mais tenros anos e a embalava em seus braços. Você era pequena demais, naqueles tempos, para entender estas coisas. Eu vi a estrada que você deveria seguir, mas não podia forçá-la a caminhar por ela: tinha de ser uma escolha sua, livre e espontânea.

Pouco a pouco, com o passar dos anos, levada pelo amor que nutria por mim, você começou a seguir exatamente a estrada que eu arranjava para você. Bom... é verdade que andou fazendo uns ziguezagues por aí, nos dias da sua juventude... mas, aos poucos, a estrada definiu-se, endireitou-se.

Agora você continua a caminhar, com perguntas em sua mente, mas fechadas aí, no pensamento. São perguntas que eu posso responder facilmente. Diga-me, Catarina, você nos ama a nós três, Pai, Filho e Espírito Santo, e também Maria, minha Mãe?"

Eu movi a cabeça afirmativamente, sem poder falar, por ser tão grande a minha comoção. Então ele continuou: "É somente isto que importa! Portanto, nunca se admire nem se preocupe pelo fato de ser rejeitada, açoitada, coroada de espinhos e até crucificada. Você deseja seguir-me, não deseja? Pois bem, você está me seguindo e eu estou sempre muito perto de você".

Com tais palavras, ele pôs minha cabeça em seu ombro e começou a acariciar os meus cabelos. Claro que fiquei como que fora de mim mesma... As suas mãos eram calosas, mas nem por isso deixaram de ser suaves e macias... E eu me esqueci inteiramente de mim mesma, caindo totalmente nos braços de Deus.

O SILÊNCIO DA VELHICE

Sinto-me acoçada. Atingi uma idade em que as pessoas me cercam por todos os lados. Não sou mais livre. Não posso mais tomar um avião para a Europa, se assim desejar. Em muitas coisas já não posso mais dispor de mim mesma. Tudo em mim parece estar amarrado. Ando com passinhos miúdos. Entretanto, eu costumava sair por aí, caminhando pelos bosques, subindo montes para contemplar panoramas, escalando montanhas e correndo pelos vales. Era o tempo da liberdade. Agora, sinto-me acorrentada. "Quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres" (Jo 21,18). Agora, só me resta um panorama para contemplar: o coração de Deus!

Mas, afinal, estou sendo meio estúpida ao falar desta maneira! Eu, que estive na praia das areias prateadas e decidi entrar no infinito do silêncio de Deus, estou deixando o passado das coisas velhas sufocar a eterna mocidade do espírito. Estou me perdendo no passado, quando o olhar de Deus perscruta e renova minha vida... Nunca nos ocorre pensar, na mocidade, que, um dia, nossos passos ficarão vacilantes e não teremos mais forças para fazer isto ou aquilo... Contudo, esta espécie de perda de liberdade, própria da velhice, é também uma entrada no silêncio de Deus.

O Senhor nos oferece muitos tipos de silêncio, de acordo com as várias fases da vida: infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice. Meu coração tem de aprender a aceitar esta falta de liberdade que faz parte da evolução da vida. As pessoas dizem a meu respeito: "Ah, ela já está

velha, agora! Não pode mais fazer isto ou aquilo!". É bom saber disso; é bom porque me conscientize de que estou atingindo as profundezas decisivas do silêncio, a essência mesma da pobreza que eu tanto desejei. E, então, me vejo nos mais altos cumes da liberdade!

"Senhor, na minha vida passada, tentei viver de acordo com a vossa vontade, inclinando minha cabeça no silêncio da obediência. Vossa palavra e vossa vontade foram uma luz para meus passos, tanto na dor como na alegria. Tudo quanto me acontecia vinha de vós e eu me sentia inteiramente livre. Seguir a vossa vontade é viver o vosso silêncio e é também atingir a perfeição da liberdade, acima de qualquer compreensão. Naqueles tempos, quando viajava, eu mesma fazia as reservas e ia com meus próprios pés... Hoje, não é mais assim."

Entretanto, há uma nova liberdade que desponta em minha vida. Não há dúvida de que, num certo sentido, estou mais presa agora... Mas, ao mesmo tempo, estou mais livre. A terra vai-se tornando para mim como um pequeno torrão que não tem mais importância, enquanto o céu começa a abrir-se diante de meus olhos. É este o panorama final e decisivo que sempre desejei contemplar. É mais que natural o desbotamento das cores do mundo, quando as paisagens se apagam... Mas Deus acendeu, aos olhos de meu espírito, as belezas imperecíveis do seu panorama eterno. E ninguém me pode impedir de lá chegar. Sim, os que cuidam de mim podem carregar-me para este ou aquele avião, enfiar-me neste ou naquele quarto de hotel... mas nunca poderão domar a impetuosidade quase selvagem do

meu espírito na sua arrancada paira este imenso panorama que é o coração de Deus.

Aqui estamos, pois, bem juntos: ele e eu. Também ele está preso, pregado numa cruz, e seus pregos o ferem mais do que as ataduras que usam em mim. Quem sabe não será ele mesmo quem assim me amarra, para que eu fique sempre perto dele... As pessoas que me circundam de tantos cuidados, que são verdadeiras amarras, mal sabem que, enquanto assim me prendem, há sempre uma janela que fica aberta... Por ela eu fujo em busca do Deus no qual me perco.

Sim, hoje, em minha oração, eu percebi que o Senhor apagou de meus olhos todas as paisagens terrenas e delineou, diante deles, um novo panorama: Ele próprio! No passado tão longo de minha vida, viajei por mares, ar e terra, por montanhas, vales e planícies, sem esquecer os desertos. Hoje, entrei no cenário imenso do próprio coração de Deus e foi aí, neste cenário, que toda a minha vida passou em minha mente, desde a infância até agora.

Na Rússia, os bebês são sempre muito bem enfaixados por suas mães e babás. Eu nunca tive os meus membros livres quando bem pequenina: sempre enrolada em faixas... Até que, um dia, o Senhor tocou-me — talvez com alguma varinha de condão? — e, de repente, fiquei livre de minhas faixas que caíram como por encanto. Lembro-me bem do prazer com que sacudia minhas pernas, toda feliz, cheia de gritinhos e risadas infantis. A pessoa encarregada de enfaixar-me desapareceu para sempre.

Meus pais me deram sempre bastante liberdade, mas sempre dentro de uma severa disciplina de amor e compreensão. Não era livre como muita gente hoje entende a liberdade: um campo aberto para fazer tudo o que se quer, quando se quer e como se quer. Havia limites, naturalmente.

Aos 2 anos, mais ou menos, colocaram em mim uma espécie de pequeno "arreio" com uma correia, para que eu aprendesse a andar. Senti que minha liberdade aumentava, mas sempre com meu pai ou minha mãe por perto. Na medida em que crescia, ia-me tornando mais livre, nunca, porém, sem as imprescindíveis limitações da disciplina. Já nestes dias da infância, apaixonei-me por Deus e, quando se ama Deus, vive-se na plenitude da liberdade, contanto que se saiba sempre o que se quer e que se queira o que ele também quer. Desta maneira, desde a infância, eu vivi pendulando entre dois contrastes ou entre dois opostos: de um lado, a disciplina com limitações para a minha liberdade e, de outro, a liberdade total. Foi oscilando, suavemente, entre estas duas realidades que eu cresci.

Mais tarde, veio o meu casamento e a Primeira Guerra Mundial. Foi uma passagem brusca da vida de criança para a de adulto, para a vida de uma pessoa mais velha que, voluntariamente, se submetia à disciplina de Deus, expressa por pessoas que eram responsáveis por mim, de uma forma ou de outra. E assim, sob a disciplina de meus pais e na obediência aos mandamentos da Igreja, eu era maravilhosamente livre.

De modo geral, fui sempre uma pessoa extremamente obediente. O panorama em que

passsei essa primeira fase de minha vida foi muito simples, comum, cinzento, com algumas flores repontando aqui e ali ao longo dos meus caminhos. A obediência sempre faz desabrochar as flores em nossa estrada quando por ela se caminha livremente. Claro que não fui sempre o modelo perfeito de obediência, mas posso dizer que obedecia com facilidade.

Agora, eis-me chegada à casa dos 80 e, nesta idade, as pessoas, geralmente, não obedecem a ninguém; preferem exigir obediência dos outros e comumente o fazem. Não creio que eu seja assim; sinto que a obediência ainda está do meu lado e vivo obedecendo ao meu Senhor.

Sinto que, agora, atingi aquele grau de pobreza com que sempre sonhei. Meu tempo é todo de Deus. Experimento um desejo intenso de rezar e de jejuar; mas, ao mesmo tempo, sei que nem a oração nem o jejum são as coisas mais importantes da vida. O que realmente conta e é fundamental é *ser oração*, transformando a vida em prece e, depois, sair pelo mundo fazendo bem aos homens até quando se possa, até quando me seja possível mover os dedos e minha mente esteja clara.

Deste modo, se por um lado percebo que a velhice me vai tirando a liberdade (como os panos e faixas dos meus tempos de bebê...), por outro, começo a entender que tudo isto é obra de Deus. Ele olhou para mim, do alto de sua bondade, como quem olha para uma planta do seu jardim... Notou que havia ainda algumas pragas, pequeninos insetos que precisavam ser eliminados: a praga do orgulho, do desejo imoderado de ser livre dá maneira errada...

Então, ele estendeu sua mão e, de repente, todos esses insetos morreram.

Quais são as pessoas que me "amarram"? Todas as que trabalham no nosso apostolado. É claro que o fazem por amor, mas, mesmo assim, é duro.

O padre Brière, muitas vezes se encarregou das "amarrações" finais, tomando sobre si a compra das minhas passagens, as reservas e acomodações nos aviões. Mas nunca o considerei como um "carcereiro". Pelo contrário, ele tem sido de extrema bondade para comigo, durante todos estes anos, sempre me consultando a respeito destas viagens antes de providenciá-las, sempre consciente de que não é fácil a gente depender assim dos outros na velhice. Ele sempre foi delicado, compassivo e de extrema bondade.

Fico muito feliz quando ele está por perto e agradeço a Deus pela sua presença. Não posso negar que ele seja parte das "faixas" que me tolhem a liberdade, mas reconheço que são ataduras importantes, e necessárias para mim. É deste modo, através de tais ataduras, que o Senhor prepara esta *velha criança*, que sou eu, para entrar no reino do céu!

Estou mergulhada e como que perdida na ternura de Deus. Que coisa maravilhosa: o ser humano pode ser envolvido, repleto e como que "encharcado" pela ternura de Deus. Essa ternura está sempre ao nosso lado, a vida toda; mas acontece que há tantas coisas que atraem nossa atenção para outros lados... Então, ela, por vezes, passa despercebida.

Quando se entra no silêncio de Deus, tudo muda em nossa vida. As coisas que pareciam importantes

ontem, hoje se tornam insignificantes. Realmente, olhando para trás, para os anos que foram vividos, a gente fica profundamente confusa e admirada de ver tanta atenção e tanto cuidado que dispensamos a coisas completamente irrelevantes e que, no entanto, chegaram a constituir a própria trama de nossa existência, o fio condutor com que tecemos nosso dia-a-dia!

Mas agora, vestida de paciência, que é parte do amor de Deus por mim, sinto-me como que sentada tranqüilamente ao lado de uma mesa. Em cima dela, a um canto, estão os novelos de tantas coisas com que tecemos nossa existência... No outro canto, está a morte, da qual sempre tivemos medo a vida inteira. E por quê? Provavelmente porque a maioria das pessoas vêem a morte como o fim e, para tais pessoas, evidentemente, o temor deste fim deve ser terrível. Sim, é terrível pensar que nossa existência chegará a um termo e escapará totalmente das nossas mãos. É assim para muita gente. Existem, porém, uns poucos escolhidos que aqueceram o coração nas areias prateadas e, a seguir, deram o grande mergulho no imenso mar do silêncio de Deus. Para estes, a visão da morte é diferente. Não existe o medo.

O Senhor quis que nós amássemos como ele ama e, deste modo, nos fez seus filhos e seus herdeiros. Ele revela a verdadeira face da morte a todos quantos desejem vê-la com olhos de fé. A morte física não é o fim, Depois dela, nós entramos na verdadeira vida, a única que é eterna, onde — e somente aí — seremos *nós mesmos*, sem precisar das máscaras que usamos para esconder a nossa fisionomia

autêntica.

Há sempre um momento em que Deus nos dá a chave do mistério da vida. Sempre tivemos a chave para entrar no seu coração e ele para entrar no nosso. Mas a chave que agora menciono é outra, é especial. É a chave da *sabedoria*, que nos faz viver uma boa vida. Esta chave é entregue aos que caminharam pelas areias prateadas e deram o mergulho no silêncio, no mar do seu silêncio infinito, feito de paz e de oração. Estes são os que compreendem o mistério da vida, os que receberam a chave e escolheram, como Salomão, a Sabedoria!

Uma das coisas próprias de Satanás é confundir as pessoas. E sua confusão favorita consiste em fazer com que as pessoas vejam a sabedoria deste mundo como se fosse a eterna. Muitos mordem esta isca. Mas quem tem a chave que acabo de mencionar não cai nessa armadilha. Esta é a chave que pode abrir muitas portas, até mesmo as portas que os homens inventaram para bloquear seu próprio verdadeiro progresso, dominados pelo mal e pela loucura.

Quando morremos, a chave desaparece conosco, porque não nos é mais necessária, apesar de ter sido importantíssima durante a vida; porque é durante esta vida que abrimos as portas da nossa eternidade. Por isso, agarremo-nos bem à nossa chave, a esta sabedoria divina que nos garante a entrada. Mergulhemos no infinito do silêncio de Deus, onde a chave nos é dada. Ela é entregue também aos pequeninos, às crianças, isto é, àqueles que têm pureza e simplicidade de crianças. Os adultos, com sua propalada inteligência e tecnologia, são os que, ao partir desta vida, dão com o nariz em

portas fechadas, porque perderam a chave! A sabedoria — a verdadeira — escoou de suas vidas como água através de seus dedos. Por isto, disse muito bem Nosso Senhor que o reino de Deus pertence às crianças!

Portanto, quando se entra no silêncio de Deus, as coisas mais lindas e maravilhosas começam a acontecer e não é possível descrevê-las em toda a sua beleza e alegria, nascidas de um profundo sofrimento, porque a Páscoa só vem depois da cruz. A felicidade que se goza neste silêncio é tão grande que nos fica uma impressão de céu na terra, de parusia antecipada.

Por um momento irreprimível, há sempre um olhar lançado para trás, para todo este esvaziamento de nós mesmos (a *kênosis*) pelo qual tivemos de passar com muita dor. Agora percebemos como foi total este esvaziamento: o nosso "eu" escoou de nossa vida como águas derramadas sobre areia. Sumiu. Evaporou. Foi preciso esvaziar-nos de nós para que Deus nos enchesse de si mesmo. Para conseguir tal prêmio, a *kênosis* foi um preço muito baixo. Assim, a nossa vida se divide em duas partes: a *kênosis* dolorosa, que representa a morte do egoísmo, e o tempo da infância espiritual, quando, esvaziados das palavras terrenas e da sabedoria carnal, começamos a entender a fala de Deus ao qual abrimos o coração e a mente.

Só como crianças podemos captar o Verbo, a Palavra de Deus. É da boca de seus pais que os pequeninos aprendem as palavras da vida terrena. É da boca de Deus que nós, tornados crianças pelo Evangelho e seu silêncio, aprendemos as palavras ou a *Palavra* da

vida eterna.

Ao atingir tudo isto, uma profunda paz e um grande relaxamento interior toma posse do nosso ser. Começamos a entender melhor as coisas. Uma vez munidos da chave da sabedoria, passamos a "ver" sem ver, a "ouvir" sem ouvir. É como se estivéssemos tocando a fímbria do manto celestial do Pai.

Nesta altura da sua vida, você parece estar permanentemente "fora de si". Não é questão de estarmos pendurados entre o céu e a terra; é, antes, uma sensação de arrebatamento, como se uma grande mão nos envolvesse e nos elevasse sempre mais para o alto. De repente, começamos a ouvir vozes angélicas, cantando para uma Criança... É a noite de Natal definitiva e permanente... Você entra no coro e canta cheio de alegria.

Mas existe também a sensação de um sono de profunda paz. Alguém nos faz dormir, como nos tempos de criança, cantando "Nana neném". Tudo isto acontece quando se tem a chave da sabedoria que, afinal de contas, não é outra senão a cruz! Faltava dizer isto! A chave da sabedoria que abre todos os tesouros é a cruz, meta final de nossa vida cristã. Eis porque, mesmo na paz e na alegria, que acima descrevemos, a gente ouve vozes masculinas meio rudes, misturadas com tinir metálico... São homens escolhendo os pregos...

A chave da sabedoria — a cruz de Cristo — dá-nos o indizível poder de penetrar, com nosso olhar, nos corações dos homens. Eles passam diante de mim em procissão, cheios de perguntas e de angústias,

exigindo respostas e soluções. E a multidão aumenta sempre. Pedem-me que interceda por eles junto de Deus. Não os entendo muito bem, talvez porque a angústia os faça falar depressa demais. Seu aspecto exterior é miserável e deprimente. Estão todos amarrados com cordas de diversas cores. O vermelho representa o respeito humano. O verde representa a inveja, o desejo de ser mais do que os outros. Existem alguns que estão ligados com cordas brancas, o que nos faz pensar na inocência e na pureza. Nada disso! É o branco acinzentado do desleixo, da indiferença. Neste branco pardo se envolvem aqueles que passam a vida embrulhados em si mesmos, preocupados com seus interesses e nada mais. Estes são indiferentes para com Deus, para com o amor e para com qualquer coisa que seja realmente profunda e importante. Há outras cores ainda, simbolizando, cada uma, os sete pecados capitais que impedem o crescimento do espírito.

Seguro em minhas mãos a chave da sabedoria. Olho para ela e pergunto a Deus se ele deseja, realmente, que eu a tenha, porque com ela eu descobri tanta miséria e sofrimento, que me senti profundamente triste. Deus, então, me responde: "Você queria seguir-me, não queria? Pois bem, a este ponto a leva o meu seguimento. É isto que eu sempre vejo: as almas dos homens. Estou lhe mostrando a profunda degradação que existe na humanidade, degradação esta que chega a arrancar lágrimas dos olhos de meu Pai".

Ao ouvir estas palavras, começo a chorar. Ajoelho-me e coloco a cabeça no seu colo... mas não consigo parar de chorar. Sinto sua mão acariciando-me os

cabelos, enquanto diz: "Os que desejam seguir-me devem fazê-lo em totalidade. Sabe o que isto significa, Catarina? Quer dizer o esvaziamento total de si mesmo. Quer dizer morte na cruz. Mas quer dizer também ressurreição. Sempre, a cada hora de cada dia, você escuta uma voz... para aceitar ou rejeitar. Até agora você aceitou seguir-me em totalidade. Depende de você continuar neste seguimento. Meu Pai, eu e o Espírito Santo sempre lhe deixaremos a inteira liberdade de aceitar-nos ou rejeitar-nos... Lembre-se disso!"

Então, eu olhei, de novo, para a minha chave é para as pessoas que gritavam, esperando respostas. Percebo, com novo entendimento, que há somente uma maneira de levar a paz de Deus a este povo: enfrentando-os um a um, face a face. Encontros grupais nada resolvem. Discursos, sermões, aulas e conferências, no meio daquela massa imensa, entram por um ouvido e saem pelo outro. Pode haver algumas exceções, naturalmente. Mas a verdade é esta: para levar Deus aos homens só existe um meio: amá-los como pessoas, como indivíduos, um por um.

Amar não significa, necessariamente, gostar. Tome a chave da sabedoria e abra seu coração e deixe o povo entrar por ele. Escute cada um, com profunda atenção de mente, de corpo e de coração, até não poder mais, até o cansaço total da exaustão... Verá que o cansaço passa e você terá mais força para ouvir e atender mais gente. Sim, o amor tem de ser comunicado de pessoa a pessoa. É só desta maneira que ele pode ser eficiente.

O FIM DA LONGA ESPERA

É impossível explicar a alguém o que significa esperar por Deus. Evidentemente, ele está sempre presente, sempre conosco. Emanuel quer dizer "Deus conosco". Ele está sempre "vindo"... Nós é que nem sempre estamos esperando por ele, aguardando sua chegada.

Há um tipo de espera que é ansiosa. Considere, por exemplo, a parábola dos trabalhadores da vinha. O proprietário, várias vezes, sai a fim de ver se ainda existem pessoas para serem contratadas. Existem, pois, aqueles que eu chamo de "povo que espera", porque estão sempre aguardando a hora de serem contratados. Não me refiro a estes da parábola, porque os trabalhadores da vinha eram pessoas ansiosas, nervosas, deprimidas e excitadas. Eram dominadas por todos os tipos de emoções incompatíveis com o silêncio de Deus. Talvez somente num sentido muito vago poderíamos dizer que estavam à espera de Deus.

A verdadeira espera é diferente, muito diferente. Ela é quieta, pacífica e serena, aguardando que Deus se manifeste sem que se saiba exatamente de que maneira. Enquanto assim se aguarda, há uma imensa alegria dentro do nosso coração. É como esperar pela pessoa amada que está para chegar. Os amantes ficam a caminhar de um lado para o outro, quando o amado ou a amada se atrasa, nem que sejam 15 minutos. Ficam ansiosos, sim, mas de uma ansiedade repassada de amor e de interesse.

A espera de Deus, porém, ainda não é *exatamente* assim. Eu a chamaria de tranquilidade; uma certa

serenidade que toma posse da pessoa toda, a ponto de nada se mexer dentro dela. Predomina somente um pensamento: "Ele virá no seu tempo certo". É a totalidade da paz.

Há um profundo silêncio no coração que se torna receptivo, enquanto a mente parece dormir. Todas as emoções se aquietam, subjugadas pela maior de todas elas, que é o amor. Este amor volta à sua pureza primitiva, algo assim como deve ter sido quando surgiu, pela primeira vez, no coração de Eva. Ah, se ela tivesse jogado fora aquela maçã! Então, sim, teria conhecido a verdadeira liberdade!

A grande espera aí está, inteiramente tecida dessa paz que pervade por dentro e veste por fora o nosso ser. Nesse estado de perfeita placidez, Deus permite que vejamos por que as outras pessoas não têm paz e se agitam entre tantos problemas. Diante dos nossos olhos, passam, como num filme, todos os "porquês" do mundo, todas as explicações das angústias humanas... sem que isto, evidentemente, perturbe a nossa própria paz interior. Pelo contrário, esta visão aumenta o amor e nos faz rezar por essas pessoas torturadas.

A paz me rodeia como um escudo especial, defendendo-me de tudo quanto possa perturbar-me nesta grande espera do Senhor. Tudo se deve fazer para jamais perder-se esta paz. Quem me dera pudesse eu transmitir um pouco dela, através dos meus escritos, minhas palestras e quaisquer outros meios de comunicação! Infelizmente, porém, a paz não se comunica por estes canais.

O Senhor nos escolheu, dando-nos a paciência

necessária para esperar por ele e a fim de estarmos preparados para a sua vinda. Não se perturbe o nosso coração, porque a hora e o minuto desta vinda estão em sua mão e no amor infinito do seu coração. Minha tarefa e a sua tarefa, irmão, é somente esperar sem tempestades emocionais, sem impaciências, sem dúvidas, sem caminhadas para baixo e para cima... Haja apenas a totalidade da pessoa concentrada no desejo do encontro, na espera daquele momento em que ouvirá os passos do Senhor.

Sim, repito, gostaria de poder transmitir um pouco desta serenidade e desta "ambiência" interior de prece que trago dentro do meu próprio coração, como resultante da minha passagem pelas areias prateadas e do meu mergulho no mar infinito de Deus. Não consigo comunicar nada disso; só me resta afirmar que, realmente, "é assim".

De repente, em dado momento, o Senhor aparece, vindo aos saltos, de montanha em montanha, como uma pessoa apaixonada: "A voz do meu amado! Vejam: vem correndo pelos montes, saltitando nas colinas! Como um gamo é meu amado... um filhote de gazela" (Ct 2,8). Claro que esta é uma linguagem poética, sem deixar de ser, porém, a linguagem expressiva do amor. Outros poetas, além de Salomão, tentaram pôr em verso a experiência da chegada do amor. Francis Thompson, por exemplo, escreveu esta passagem maravilhosa no seu poema *The Hound of Heaven*. (O celeste cão de fila, Oxford, A. R. Mowbray, 1947):

*Tudo quanto tomei de tuas mãos,
eu não o fiz para teu mal;
apenas fiz a fim de que pudesses
vir procurá-lo em minhas mãos!
Tudo que tua fantasia de criança
imagina perdido, está guardado,
bem guardado p'ra ti em minha Casa:
Vamos! De pé! Segura a minha mão
e vem!*

*Parou, junto de mim, a batida constante
do som daqueles pés...
Será que, afinal, a minha escuridão
é apenas uma sombra de sua mão
que paira sobre mim
para acariciar-me?...
"Ah, caríssimo, ceguíssimo
e fraquíssimo,
eu sou aquele que procuras!
Quando me expulsas, é o Amor que
expulsas!"*

Poesia maravilhosa, cheia de um vigor raramente atingido no verso; mas nem ela chega a exprimir a realidade do que acontece com a chegada do Senhor. Não há versos, em poesia alguma de qualquer lírica universal, capaz de expressar a beleza da chegada do Bem Amado.

Agora, não há mais panoramas; pelo contrário, tudo ao redor de mim é fogo e, através dele, sou obrigada a caminhar. Procuo entender o porquê deste fogo em que caminho, a razão do desaparecimento de todas as paisagens anteriores, trocadas por estas chamas... Elas me levantam como braços, cada vez

mais alto e não sei para onde sou levada. Sinto que saí da terra e passei para além dos astros e planetas.

Um cálice magnífico, muito bem lavrado em ouro, é colocado em minhas mãos. Sinto-me extasiada enquanto o contemplo e não sei bem o que acontece: se é um desmaio ou se um sono que me domina. Não sei bem o que está acontecendo, além da certeza de que estou indo ao encontro de Deus e entrando, de certa maneira, dentro do seu coração.

Levo este cálice em uma das mãos e na outra um bastão de viagem, também lavrado com arte, mas sem nenhuma ostentação de riqueza. E assim subo cada vez mais alto. Olho para meus pés e noto que estou subindo por uma escada toda feita de degraus de fogo. As chamas lambem meus pés sem queimá-los, enquanto uma voz, que parece vir de muito longe, me diz: "Suba mais, amiga: sempre mais para o alto!".

E continuo sem entender. "Senhor, que significa isto? Como é possível que eu caminhe pelo fogo e não me queime? Não compreendo."

A voz responde: "Entender... Compreender... Nada disto é necessário. Olhe ao redor!". Volto-me e olho para trás, para a escada que subi e na qual caminho ainda. Vou deixando a compreensão para trás, em cada um dos degraus. A sabedoria também fica para trás, se bem que não tão longe. A esperança é minha única companheira de viagem, sempre ao meu lado. Ela parece água cristalina, assemelha-se ao cristal puríssimo. Vejo pessoas que se aproximam de mim, tendo nas mãos todos os tipos de vasilhas,

para enchê-las da esperança que parece fluir de mirn. Começo a sentir a presença de alguém tão belo e poderoso que desejo abraçá-lo; mas ele parece estar sempre alguns degraus flamejantes na minha frente.

Continuo segurando o cálice do qual, agora, corre água e percebo que as pessoas, ao aproximar-se dele para beber, também não se queimam no fogo que atravessam e não parecem notar as chamas que me rodeiam e me elevam para o cume da montanha que devo escalar.

O cálice transborda e as pessoas bebem água e vinho que não partem de mim, como antes parecia: é uma água e um vinho que vêm de Deus. Olhando, com mais atenção, percebo que o cálice, além da água e do vinho, traz também pão do qual as pessoas se alimentam.

A voz me diz: "Deixe-os comer e beber". É o que faço. Lentamente, então, compreendo, numa visão tão clara como nunca imaginei poder ter em minha vida... Começo a entender a razão e o sentido da minha vida. E continuo subindo pela escada de fogo.

O que é notório acerca deste fogo é que ele me traz uma grande alegria. E agora, no meio dele, aparece uma árvore que eu vejo crescer no meio das chamas: a árvore da fé! E o povo continua comendo e bebendo. As chamas se afastam um pouco, o suficiente para que eu possa deitar-me à sombra desta imensa árvore, a fim de repousar, reclinando a cabeça contra seu tronco que nada tem de dureza; é macio e tenro. Tenho a impressão de que me esqueci de tudo que existiu antes e, ao mesmo tempo,

lembro-me de tudo. Agora, além da esperança, eu reconheço o Amor que está também ao meu lado. Ambos cresceram e tomaram proporções imensuráveis. E a voz fala, de novo: "Esta é a sua vida de amor e de esperança. Agora, dê-me o cálice e ponha o báculo no chão".

O panorama chamejante enche-se todo de melodias de uma beleza que nunca julguei ser possível e, no meio de tudo isto, vejo duas mãos que tomam de mim o cálice muito pesado; até nem sei como pude carregá-lo por tanto tempo. Um homem, dono destas mãos, aproxima-se e diz: "Beba". E eu bebo deste cálice que sua mão segura.

A última coisa que observo é que a mão que segura o cálice e a outra que pende estão transpassadas. Então eu digo: "As suas mãos... elas estão transpassadas!" E ele me diz: "Sim, estão! Por amor a você e a toda a humanidade. Agora venha e beba o que ainda resta no cálice, depois descanse a cabeça sobre meu coração".

Faço como ele disse e experimento o que poucas pessoas conhecem e experimentam: êxtase!

Nesta altura, volta o panorama do início da minha caminhada: as areias prateadas e o infinito mar do silêncio e do amor de Deus. O cenário é o mesmo e, no entanto, é também diferente, porque, desta vez, eu chego a uma pequena aldeia, Nazaré, onde me encontro como que à procura de um tesouro perdido. Sento-me à margem de um pequeno lago onde há mulheres que chegam para lavar roupa. Não entendo bem por que, assim de repente, me vejo em um lugar tão pobre e tão humilde. Estou confusa, porque

saí a buscar apenas o grande silêncio de Deus...

O lugar é um tanto barulhento. Como encontrar aí o meu Deus e seu silêncio? Onde estará? Que foi que lhe aconteceu ou para onde foi? Sinto-me cansada e, por isto, procuro uma sombra onde possa descansar. Entretanto, meu sono não é repousante e continuo inquieta, até que meu coração torturado exclama: "Senhor, onde estais? Preciso de vós! Foi para encontrar-vos que fiz esta longa jornada. Quero descansar no vosso silêncio".

De repente, desperto. Há uma estrada poeirenta pela qual eu sigo, pois quando se está cansado, qualquer caminho serve. Há uma estranha beleza nessa estrada, mas não consigo percebê-la bem.

Subitamente, surge, numa curva, uma jovem que caminha em minha direção. Ela pára quando eu paro e ficamos de frente uma para a outra. Digo-lhe, então: "É a você que estou procurando; você me pode levar ao meu Amor. Quero falar com ele. Acho que é somente através do silêncio que posso conversar com ele. Quanto mais me afundo no silêncio, mais capaz me torno de ouvir a sua voz".

Ela olha para mim com beleza e ternura e, apontando-me uma pedra que ali está, diz-me: "Venha e sente-se aqui comigo, uma vez que me encontrou. Eu sou, deveras, a porta que leva àquele que você ama. Sente-se e segure minha mão, porque eu sou a mulher envolvida no silêncio de Deus".

Assim dizendo, abriu os braços que estavam cobertos com uma mantilha preta, forrada, por dentro, de vermelho. Era a esposa do Espírito Santo.

Entrei, sem hesitação, no coração dessa Mulher e, lá dentro do coração da Mãe de Deus, eu encontrei aquele que amo.

© Online edition, Madonna House Publications, August 2008

Pax caritas¹

*Eu sou também uma mulher
vestida de silêncio,
porque o silêncio, para mim,
tornou-se canto e veste!
Silêncio dourado, explodindo em reflexos
da nossa união com Deus.
É assim comigo.*

*Eu sou uma mulher
vestida de silêncio:
em mim, silêncio é veste,
em mim, silêncio é canto!*

¹ *Pax caritas* (Paz e amor) é o lema da Madonna House. Todos os membros dessa comunidade trazem estas palavras, gravadas numa cruz de prata, da seguinte forma:

C
P A X
R
I
T
A
S

(N. do T.).

Livros por Catarina de Hueck Doherty
em português

Disponíveis somente no Internet:

Alma da Minha Vida
O Evangelho sem Restrições
O Silêncio de Deus
União na Fraternidade

Disponíveis no Internet e também impressos:

Deserto Vivo (Poustinia)
Em Parábolas

Para comprar livros impressos, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

português@madonnahouse.org

Biografia de Catarina de Hueck Doherty
por Héber Salvador de Lima, S.J.

Apresento-lhes a Baronesa

Para comprar, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá